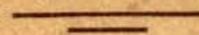


ALÍPIO BANDEIRA



A mystificação
salesiana



RIO DE JANEIRO
LITHO-TYPO FLUMINENSE
— 1923 —

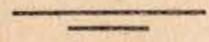
3808

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

94

*São Paulo,
24-8-1926.
J. P. Couto Junior*

ALÍPIO BANDEIRA



A mystificação salesiana

Renato Nicolai



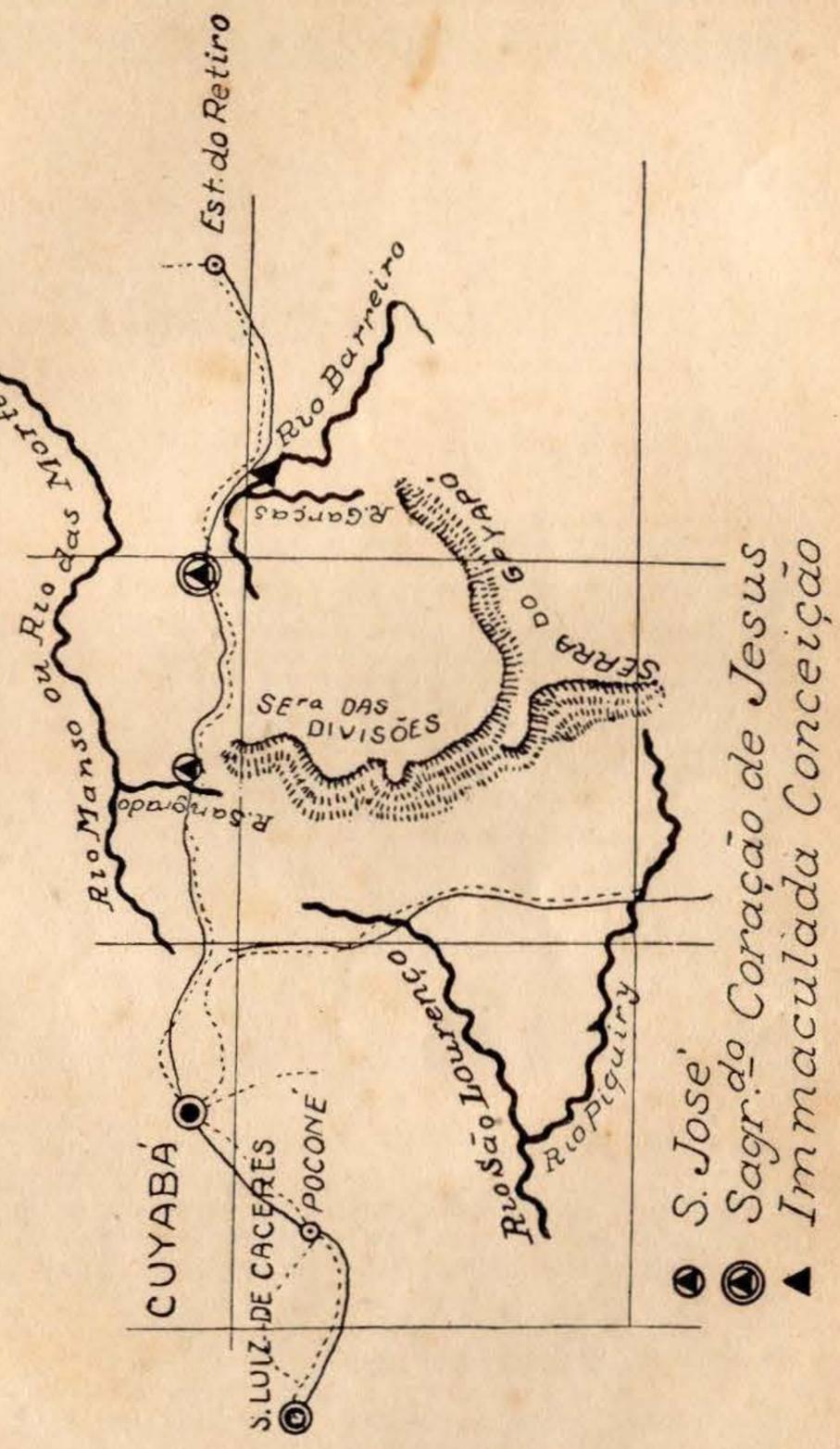
RIO DE JANEIRO
LITHO-TYPO FLUMINENSE
— 1923 —

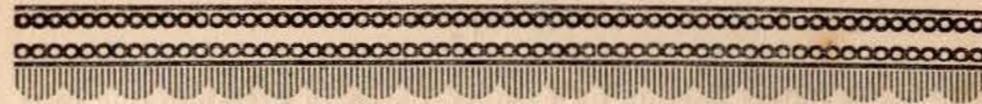
...e la regola mia,
 Rimasa è giù per danno delle carte.
 Le mura che soleano esser badia,
 Fatte sono spelonche, e le cocolle
 Sacca son piene di farina ria.
 Ma grave usura tanto non si tolle
 Contra il piacer di Dio, quanto quel frutto
 Che fa il cuor de' monaci si folle.

...e a minha regra escripta
 Inutilmente nos papeis se grava.
 A morada monastica bem dita
 E' covil; o capuz se ha transformado
 E farinha contem ruim, maldita.
 Não seja usura havida por pecado
 Tão grave contra Deus, quanto a avareza,
 Que aos monges tem os corações eivado.

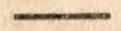
(Palavras de S. Bento no *Paraiso* de Dante, canto XXII. Tradução de Xavier Pinheiro.)

Esboço em que se mostram as fazendas salesianas conhecidas com o nome de Missões salesianas)





ADVERTENCIA



«Força é confessar, Senhores, uma triste e pungente verdade:—A historia dos Indios é o opprobrio da nossa civilização. Apesar de tantas leis proclamando a sua liberdade, e procrevendo a escravidão delles, esta subsiste.

Opiniões erroneas, interesses illegitimos sustentados por abusos inveterados frustram a sabedoria dessas leis. Os selvagens eram e são havidos em conta de brutos e estranhos ao gremio da humanidade,—e foram sempre victimas da avidez e maldade de seculares e ecclesiasticos sem excepção da famosa ordem dos Jesuitas, que é moda preconizar como protegendo sempre os Indios com o maior desinteresse e humanidade. Os jesuitas defendiam-nos muitas vezes, é verdade, com todos os accentos da mais viva e ardente caridade quando o dominio absoluto, a que sempre aspiraram sobre os selvagens, lhes era coarctado pela Coroa, ou disputado por autoridades civis, e outras Ordens; porém, quando o podiam exercer mais desafogadamente, por seu turno os escravizavam, e espoliavam como aquelles a quem denunciavam.»

Francisco José Furtado (*Relatorio apresentado á Assembleia legislativa do Amazonas em 1858.*)

O presente escripto não é de ataque, nem de critica, mas é de combate, é de defesa.

Não se contentam os padres catholicos de escravisar e explorar os nossos pobres indios: no intuito de emprestar benemerencia a esse systema de especulação, difamam-nos.

Foi o que fez, imitando e seguindo os seus mestres Malan, Aquino e Balzola, o salesiano Colbacchini com o seu livro — *A Tribu dos Borôros*, de que este opusculo é ao mesmo tempo refutação e desmascaração.

A quem não conhece as chamadas missões catholicas de catechese e, sobretudo a quem só as conhece pelas vozes que

a respeito dellas correm ha seculos, parecerá estranho que seus mentores tenham interesse em difamar os pobres selvícolas que aparentemente tomam sob seu patrocínio. A explicação é todavia facil. Apresentando-os ao publico como homens sanguinarios, cheios de vicios e maldades, fazem os padres indirectamente a apologia de sua corajosa dedicação, pois vivem na companhia de taes bandidos, e, dando-os depois como transformados, pelos seus esforços religiosos, de feras que eram em typos de moderação e bondade, exaltam directamente a pretensa evangelisação de que se occupam. Ahi está, porém, na realidade, uma dupla aleivosia, 1.^o) porque os padres só procuram e congregam as tribus escravizadas ha longos annos, que não fazem mal a ninguem e, antes recebem com humildade todos os maleficios que lhes são infringidos; 2.^o) porque não cogitam absolutamente nem da cultura moral nem da intellectual dos seus suppostos catechumenos. E, ainda que isto pareça incrível, nada lhes ensinam de religião. Sendo puramente mercantil o interesse que os leva a aggremiar os gentios, tudo se resume em tirar delles o mais que podem elles dar. Por isso mesmo não distinguem, sob esse aspecto, as mulheres dos homens, e só concedem aos meninos e aos velhos aquellas regalias que revertam em proveito da commandita exploradora.

Esta situação não é nova e si é desconhecida é porque os nossos chamados historiadores não fazem mais do que compilações e repetições, todas as quaes nessa materia promanam, como a tradição oral correspondente, da mesma fonte jesuitica.

O pesquisador, porém, que abrir mão desses contingentes suspeitos e encarar o quadro geral da catechese no Brazil verá que os seus beneficios são pouco menos que nullos. Não encontrará uma só tribu que se tenha civilizado, um só grupo que se tenha assignalado, uma só familia que tenha tido vida social fóra da taba. Tivemos catechisadores que se immortalisaram pela sua dedicação e catechisados que se distinguiram sobretudo no ponto de vista militar. Não tivemos, no entanto, nem congregações de padres cujos esforços dessem resultados apreciaveis, nem aggremações de índios que tivessem representado qualquer papel na historia. Em summa: houve casos pessoaes notaveis de missionarios competentes e de selvagens assimilados, mas não houve nenhum surto colectivo, o que se pode resumir dizendo que as missões não tiveram exito.

Os Estados-Unidos nos fornecem um bom termo de comparação si quizermos ver as cousas pelo seu lado real e não atravez das falsas repetições muito communs nas mys-

tificações historicas. Alli foram e estão as tribus organisadas com direcção propria, muitas vezes sob as vistas permanentes de autoridades officiaes americanas, mas regulando como entendem suas transacções commerciaes, suas cerimoniaes de culto, seus interesses dentro e fora das terras que lhes são reservadas e conservando em tudo a feição indigena tradicional.

Por que essa differença?

Porque nos Estados Unidos preoccupou-se o governo de amparar as populações aborigenes, ao passo que no Brazil ficaram ellas a principio, e durante centenas de annos, entregues discrecionariamente aos padres, cujo intento era traficar e não catechisar, e quando o governo, desilludido dos padres, entregou-as aos directores, que aliás só muito excepcionalmente se mostraram capazes, negou-lhes os meios necessarios á solução do problema.

Queria então, e desgraçadamente ainda hoje quer, proteger e civilizar índios gastando 1 onde fóra indispensavel gastar 10, 20, ou 30.

Assim, as Directorias foram tão inefficazes como as missões. Mas si os directores se resignaram a arcar com a responsabilidade do mallogro que na verdade só em parte lhes cabia, o mesmo não aconteceu aos padres que para justificar as missões propalavam de um lado conquistas que nunca existiram e do outro a falsa idea da ruindade do gentio, de sorte que onde não servia uma explicação tinha cabimento a outra, resultando de tudo isso essa dupla falsidade quatro vezes secular — a grande obra da catechese e a inaptidão irremediavel do indio.

Quem, entretanto, examina os documentos originaes — relatorios, falas, roteiros, descripções de viagem, etc., fica sabendo que as missões falharam não apenas pela falta de habilidade dos missionarios, que, effectivamente, nunca souberam applicar um systema accorde com a situação mental dos cathecumenos, mas tambem, e desde muito cedo, pela falta de zelo religioso, por toda a parte substituido pela avidez do lucro.

E vê nesses documentos Couto de Magalhães (1) achando nulla depois de 9 annos de existencia a famosa catechese de frei Segismundo de Taggia; Jacques Ouriques (2) a do Rio Branco; Angelo Thomaz do Amaral, (3) todas as do Amazonas.

(1) Viagem ao Araguaya.

(2) O valle do Rio Branco.

(3) Falla á Assembléa provincial do Amazonas — 1837.

(4) Commissão do Madeira.

1 de
 Vê mais o Conego Bernardino de Souza (4) accusar os jesuitas da exploração gananciosa do braço aborigene, frei Raymundo das Mercês de cumplicidade num dos horrendos morticínios indígenas, Pedro da Costa Favella, e outros religiosos de terem feito parte das expedições escravagistas de Pedro Teixeira; Condreau (5) a frei Pelino de Castrovalva de ter morto no trabalho centenas de Mundurucús para apurar em pouco tempo e disfrutar na Europa mil contos de reis; o capitão-tenente Amazonas (6) e muitos outros escriptores ao jesuita Sana de devastar aldeias para roubar dinheiro e indias jovens. E vê ainda de um lado a Irmã Collecta em 1917 angariar peculio no Rio de Janeiro para a «domesticação» desses mesmos Mundurucús já tão mansos em 1875 que podiam ser expoliados por Frei Pelino, já tão conhecidos em 1825 que Tenreiro Aranha (7) os considerava «os mais civilisados de todos» os selvícolas amasonenses; e de outro lado os salesianos apregoarem *urbi et orbi* a «ferocidade» dos Borôros já tão pacíficos no seculo XVIII que Antonio Pires de Campos os conduzia em turmas de 500 para serviço de policia. E, entre milhares de factos semelhantes a esses vê, enfim, por toda a parte onde encontra remanescentes da catechese, indios que não têm a minima noção e nenhuma pratica de catholicismo e padres que para educal-os substituem as «feitiçarias» indígenas por feitiçarias catholicas. (8) E conclúe, com Jules Mancini (9) que no Brazil, como nas colonias hespanholas, salvo casos rarissimos da aurora da descoberta, só se distinguiram as missões pela mercancia, pela incuria, pela ignorancia e pela hypocrisia.

*
 * *

O livro do padre Colbacchini, contrariamente á intenção que o ditou é um attestado de todas essas tristes cousas. A questão é sabel-o ler. O autor deste escripto, porém, não teve o intuito de ajudar o leitor a vel-as, mas apenas, isto sim, o de defender o nosso despresado indio. Foi para e por isso que escreveu a serie de artigos que agora estão aqui reunidos e que foram primitivamente

(5) Voyage au Tapajós.

(6) Dictionario topographico.

(7) Relatorio do presidente da provincia do Amazonas. (1852).

(8) Ver A Tribu dos Borôros de Antonio Colbacchini. Feitiçarias chamam os padres impropriamente as praticas religiosas dos Indios. Falta-lhes a necessaria relatividade para distinguir entre a situação mental dos fetichistas e a de individuos de civilisações mais adiantadas.

(9) L'émancipation des colonies espagnoles.

publicados na «A Rua» em numeros successivos de Dezembro de 1920 e Janeiro de 1921.

E' obvio que tomando esta deliberação nem por um momento lhe ocorreu responsabilisar o Catholicismo pela desgraçada situação que elle patenteia.

Ainda quando o não presasse com o reconhecimento que só o Pozitivismo lhe sabe tributar e com o acatamento que lhe merecem as crenças dos seus Maiores, restava-lhe a consideração elementar de não terem as instituições culpa dos erros ou desmandos que apesar dellas ou contra ellas pratiquem os seus adeptos quaesquer.

Sendo o Catholicismo uma religião em que o amor é collocado acima da fé, como o proclamou incisivamente S. Paulo, é claro que tudo quanto for contrario ao amor, isto é, á fraternidade, é tambem inilludivelmente contrario ao Catholicismo. Logo, padres que, violando os mais sagrados deveres da fraternidade, escravizam indios — chamem-nos catholicos quem os chamar — são de facto inimigos capitaes do Catholicismo.

Preparada por essa religião a alma de um S. Francisco de Assis ou de um Dante, levada apenas por motivos humanos, chega a corrigir aquelles pontos em que a indole absoiuta e sobrenatural da doutrina estabelece preceitos que o altruismo repelle. Qual desses homens aceitou jamais que a mulher fosse a causa da perdição do genero humano ou que o papá fosse infalivel, como é dos dogmas?

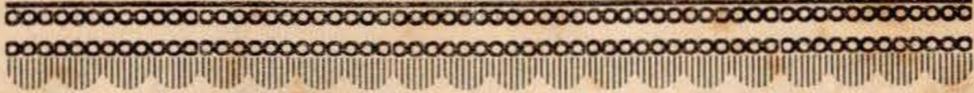
Assim, não pretendem nem podem attingir ao Catholicismo accusações que elle é o primeiro a sancionar, condemnações que elle mesmo, e com severa imparcialidade, decretaria no duplo interesse de Deus e do proximo.

Feita essa resálva preliminar, é natural que digamos sem rebufos a verdade.

E, comtudo, não o fazemos sinão até onde o permitem a benevolencia e o decôro.

Itú, 5 de Aristoteles de 134 (2 de Março de 1922).

ALIPIO BANDEIRA.



A mystificação salesiana

I

Falso historiador — Historia Falsa

Añade-se que los mas de estos Curas estrangeros son hombres de recia e dura condicio; mas preciam de Soldados, que de Religiosos, y mucho mas de Mercaderes, que de Jesuitas...

(D. Mathias A. y Gortari — *Los Jesuitas en el Paraguay* — Pag. 50).

Querendo Deus proteger o exercito de Carlos Magno, cercado então em Paris por Agramante, mandou ao archanjo Miguel que procurasse o Silencio e a Discordia e encarregasse aquelle de trazer até ao campo da lucta, sem serem percebidas, as forças inglezas que sob o commando de Reinaldo marchavam em soccorro dos christãos, e essa de estabelecer a briga e, portanto, a desordem entre os sarracenos, de modo a garantir com essa dupla manobra a victoria do seu povo.

Cumprindo exactamente as ordens do Senhor, primeiro procurou Miguel o Silencio e nesse intuito voou, sem mais tardança, para os mosteiros e igrejas.

Não achou porém, nesses logares, «nem a Piedade, nem o Repouso, nem a Humanidade, nem o Amor, nem a Paz». E' certo que essas virtudes tinham morado nos conventos, mas «em seculos passados». Ellas haviam sido «banidas pela Gulodice, pela Avariza, pela Colera, pelo Orgulho, pela Inveja, pela Preguiça e pela Crueldade». O anjo ficou surpreso de uma tal mudança e «lançando um olhar sobre essa execravel multidão, descobriu no meio della a Discórdia». Elle pretendia baixar ao inferno para encontral-a e eis que a via ali «neste novo inferno, no seio dos santos officios e das missas».

Tal é o que nos ensina o catholico poeta Ariosto, no XIV canto do seu maravilhoso poema.

Voltando mais adiante ao assumpto, diz o Vate que a Discórdia ao retirar-se legou á Fraude o encargo de substituil-a e entreter a guerra entre os monges; e, como precisasse da companhia do Orgulho, que habitava o mesmo mosteiro, levou-o comsigo, deixando este, em seu logar, posto que a ausencia fosse de pouco tempo, — a Hypocrisia.

O que, na linguagem harmoniosa do Poeta, deu o seguinte imaginoso trecho:

Usci dé frati la medesima sera
Avendo altrui l'ufficio suo comesso:
Lascio la Fraude a guerreggiare il loco,
Finchè tornasse, e a mantenerve il foco.

E le parve ch'andria com più possanza
Se la Superbia ancor seco menasse!
E perchè stavan tutte in una stanza
Non fu bisogno ch'a cercar l'andasse.
La Superbia v'andó, ma non che sanza
La sua vicaria il monaster lasciasse:
Per pochi di che credea starne absente,
Lascio l'Ipocrisia locotenente.

Esses conceitos, maiores de cinco seculos, durante os quaes as congregações catholicas perderam

cada vez mais a caridade e a fé, vieram-nos á lembrança a proposito do livro — «A tribu dos Borôros» — do padre Antonio Colbacchini, documento de hypocrisia e mystificação que menos revela o erro de um homem do que a fraude de uma confraria inteira.

Só quem já conviveu com os nossos indios, só quem os conhece em todas as suas modalidades, desde o bravo guerreiro selvagem até ao misero escravo de seringueiros ou das chamadas missões catholicas, póde seguramente avaliar as perseguições, explorações, martyrios e calumnias de que são victimas esses infelizes.

Depois da degradação jesuitica, e exceptuada a palavra de meia duzia de homens competentes — compulsados sómente por aquelles que se occupam das questões indigenas — não houve quem tratasse dos nossos selvicolas sinão para diffamal-os, com ou sem proposito, isto é, muitas vezes por esperteza, mas algumas tambem por leviandade e ignorancia.

Formou-se assim uma atmospheria de descredito em que injustamente mergulharam nossas ingenuas tribus, apesar do testemunho dos velhos chronistas que, infelizmente, ninguem lê.

E, como só são conhecidos, só andam pelas vizinhanças das cidades os indios remanescentes da catechese catholica — pobres victimas de uma educação absurda, interesseira e viciosa — firmou-se a crença da imprestabilidade e da desmoralização delles — attributos que resultam da incapacidade dos mestres e não das qualidades intrinsecas dos discipulos.

Os actuaes indios do Brasil (repetimos aqui, mais ou menos, uma classificação que fizemos em 1913) devem, quanto ao character e á moralidade, ser divididos em quatro grupos distinctos:

1º. — Indios que só têm tido com os civilizados contactos esporadicos e fortuitos. São homens affectuosos, honestos, trabalhado-

res, leaes, prestimosos e hospitaleiros. Estão neste caso algumas tribus do alto Tacutú (Rio Branco), algumas de Mato Grosso, Goyaz, etc.

- 2.º — Indios que, tendo soffrido depredações e morticínios dos civilizados, recuaram para a floresta e ahi vivem, ou viviam até ha pouco, em perpetuo estado de guerra. Taes os Parintintins e os Jauaperys do Amazonas; os Caingangos, de S. Paulo; os Botocudos, de Santa Catharina; os Patachós, da Bahia, e outros. São, do mesmo modo, homens trabalhadores, leaes e moralizados.
- 3.º — Indios que, mantendo commercio com os civilizados, formaram sociedade á parte. Os Bacahyris, de Mato Grosso, e os Maués, do Pará, constituem o mais proximo typo desta classe. São homens que já apanharam da civilização os vicios mais grosseiros, mas que conservam ainda o pudor, certa altivez e disposição ao trabalho.
- 4.º — Indios que vivem completamente arranchados na civilização, seja em companhia de padres ou seringueiros, seja entregues a si mesmos pelos povoados. Estes não têm virtudes, nem ha vicios que desconheçam. Os mais lamentaveis exemplos desta ultima classe dão-nos os despravados Muras, do Pará e do Amazonas; os tristes Guaranys, de S. Paulo e Paraná, e os infelizes Borôros das missões salesianas.

Ora, o povo brasileiro não conhece sinão estes e, ainda assim, conhece-os atravez das intrujices que os seus exploradores inventam para disfarçar a exploração ou para encarecer a convivencia com os indios

D'ahi, em parte, o desamor com que povo e governo tratam os nossos selvicolas e d'ahi, por consequencia, a impunidade com que padres e seringueiros abusam da presa desprotegida.

Diga-se, antes de tudo e a bem da verdade, que não ha noticia de um só padre brasileiro que se occupe actualmente de catechese.

Nossos padres são, em geral, homens modestos e virtuosos, incapazes da miseria a que está hoje reduzida a catechese catholica. Por isso mesmo vivem abandonados ou preteridos por insidiosos collegas europeus que têm dez vezes mais de aventureiros do que de sacerdotes.

Não ha o menor exaggero em dizer-se que os modernos missionarios de catechese são da mesma estirpe dos padres jornalistas da «Palavra» (Pará); dos perseguidores politicos de S. Paulo e de Minas; dos redactores salesianos da «Cruz», isto é, são homens para quem o baixo calão da injuria e da descompostura não tem segredos, como póde verificar quem quer que leia esses jornaes. Hospedes ignorantes, avidos e ingratos — já pela ganancia, já pela estolida intransigencia de praticas que, entretanto, não adoptam — muito mais concorrem para anarchisar do que para melhorar a sociedade em que vivem.

Entregues á tutela de tal gente, não é de admirar que estejam os chamados indios mansos cobertos de mazellas e de vicios e menos ainda que sejam cruel e conscientemente diffamados. A diffamação em tal caso é o primeiro capitulo do programma de mystificação e constitue o pedestal do heroismo dos *apostolos*.

Arrebanham, por exemplo, os salesianos infelizes Borôros habituados a toda especie de jugo e captivo, e depois de exploral-os annos inteiros, escrevem livros e livros, apregoando a ferocidade desses indios,

que eram d'antes, na linguagem de taes patronos — *ladroes e vis assassinos*.

Vem, em seguida, o capitulo da transformação em que esses desgraçados, que nunca tiveram quem lhes ensinasse ao menos o « Padre Nosso » (porque a verdade é que a religião não entra, absolutamente, nos calculos dos catechisadores) são dados como typos completos de religiosos cuja morte (ver a pagina 110 do livro do padre Colbacchini) póde servir de exemplo aos monges consumados.

E' a parte alta do edificio da mystificação, que, aliás, nada tem de novo em nenhum dos seus aspectos. Já o definiu insuspeitamente, ha longuissimos annos, o provector Couto de Magalhães.

« Coitados! — (diz o general) — Elles (os indios) não têm historiadores: os que lhes escrevem a historia ou são aquelles que *a pretexto de religião e civilização querem viver á custa do seu suor, reduzir suas mulheres e filhas a concubinas*; ou são os que os encontram degradados por um systema de catechese, que, *com mui raras e honrosas excepções*, é inspirada pelos *moveis de ganancia ou de libertinagem hypocrita* e que dá em resultado uma especie de escravidão que, *fosse qual fosse a raça*, havia forçosamente de produzir a preguiça, a ignorancia, a embriaguez, a devassidão e mais vicios que, infelizmente, acompanham o homem quando se degrada. » (*)

A esse grupo de historiadores pertence o padre Colbacchini. Seu livro é, pois, e nem podia deixar de ser, dada a sua origem salesiana, um fructo abominavel dessa falsificação premeditada e calculista.

Toda a materia do opusculo póde ser resumida em tres paragraphos distinctos:

Ferocidade anterior dos Borôros;

(*) Os griphos são desta transcripção.

Conversão actual dos Borôros;
Costumes e lendas.

Veremos em artigos subsequentes que só a incapacidade mede parelhas com a cavilação em tal escripto. Ao exame desses tres pontos accrescentaremos uma apreciação da palavra dos catechistas e algumas conclusões.

A ferocidade anterior dos Borôros

« Estabeleceram-se os Borôros nas aldeias de S. Anna, Rio das Pedras e Lanhoso. Dentre todas as tribus indigenas parece esta ter sido a mais feliz nas suas relações com os conquistadores: em Matto Grosso e Cuyabá misturou-se tanto com elles que chegou a formar consideravel parte da população brasileira, vivendo sempre em paz e amizade com os portuguezes, mesmo as hordas que se conservaram distinctas não abandonando o selvagem systema de vida ».

Southey — *Hist. do Brazil*. VI.

« No Estado de Mato Grosso, da Republica Federal do Brazil, especialmente nas margens dos rios « Vermelho » e « Alto S. Lourenço », « Alto Araguaia », das « Garças », e afluentes; do meio « das Mortes » e afluentes da margem direita, espalhados ali e acolá, terriveis vagavam, quaes indomitas feras, terror dos poucos habitantes, os selvagens da tribu dos Borôros.

« A rapina, o saque, as violencias, as mortes sob as fórmias mais crueis e horriveis, eram as suas continuas proezas. As poucas estradas já estavam semeadas de cruces; as casas dos colonos destruidas; os habitantes dispersos.

« Todos os tentavam... cynicamente, com o sorriso da mais cruel ferocidade, consumavam horribilissimos delictos. »

Tal é, segundo a traducção do Sr. A. Felicio dos Santos, o começo do livro do padre Colbacchini.

Admittindo, preliminarmente, que fosse exacto, esse só trecho bastaria para levantar suspeitas sobre a bondade, a capacidade ou a sinceridade do catechista.

Effectivamente, que motivo ha para esse luxo de qualificativos duros e até insultuosos? Que o padre sómente chamasse os indios de ferozes, seria um falso mas desculpavel julgamento de quem, por ignorancia, confere aos selvagens as mesmas responsabilidades moraes dos civilizados. Mas por que apresental-os como « indomitas feras » e, sobretudo, por que attribuir-lhes cynismo e « sorrisos da mais cruel ferocidade »?

Não se está vendo nisto um inepto meio de armar ao effeito e, portanto, uma prova patente de infidelidade?

Este é, comtudo, o introito de todas as apreciações salesianas sobre os seus cathecumenos.

Num livro relatorio que precedeu o do padre Colbacchini são elles classificados de « monstros traiçoeiros, ladrões e vis assassinos ». (Missão salesiana em Mato Grosso, pag. 59).

Ora, a tribu dos Borôros é uma das mais conhecidas do Brazil, justamente por ser das mais relacionadas com os invasores desde tempos remotissimos, o que logo attesta a docilidade da sua indole. Estas relações, póde-se dizer, que apenas soffreram pequenos abalos, pois as desavenças parciaes que a historia registra entre os sertanejos e tal ou qual grupo de Borôros, não constituiram jamais um estado permanente de guerra sem nenhuma approximação reciproca, como succedeu a todas as tribus propriamente chamadas bravias.

Não precisamos ir ao Amazonas, nem a Mato Grosso para esclarecer este asserto.

Os Caingangs de S. Paulo e os Botocudos de Santa Catharina não só nunca tiveram, que se saiba, relações com civilizados como guerrearam-nos sempre

e foram sempre por estes guerreiros até á pacificação dos dois grupos, feita pelo Serviço de Protecção aos Indios com real, demorado e paciente esforço. Os Bôroros tiveram episodicamente luctas foram sem treguas, nem abrangeram a totalidade da tribu.

A' boa indole dos Borôros, em todos os tempos reconhecida, e não á condescendencia da outra parte, deve-se esta situação que não pouco contribuiu para facilitar a penetração de Mato Grosso.

Seus primeiros contactos com os invasores foram pacificos e pacificos se mantiveram durante muito tempo. Proveio dos agravos e injustiças que receberam a causa unica dos seus levantes. Batidos varias vezes pelos «bugreiros» e outras, improficuamente, pela força publica, vagaram durante longos annos vingando aqui as injurias alli recebidas, até ser definitivamente pacificado o ultimo bando que ainda se conservava arredio, isto é, o dos Borôros do Caminho de Goyaz a Cuyabá, tambem chamados Borôros do Rio das Garças.

Eram esses indios antigamente alliados dos portuguezes e bandeirantes nas guerras contra os Cayapós. Logo, porém, que os seus serviços se tornaram desnecessarios pelo quasi exterminio daquelles seus bravos irmãos, voltaram-se contra elles os civilizados, pretendendo reduzil-os á escravidão. Os Borôros se revoltaram e na represalia chegaram certa vez a destriuir um comboio inteiro, que ia carregado de ouro de Cuyabá para Goyaz.

Depois dessa occurrencia, nos principios do seculo XIX, os Borôros do Rio das Garças se conservaram em hostilidade e constituiram serio perigo paras as tropas do famoso caminho Cuyabá-Goyaz. Esse estado de coisas persistia ainda quando o major, depois general, Carneiro iniciou a construcção da linha telegraphica do Registro do Araguaya á capital

mato-grossense. O saudosissimo official republicano adoptou logo medidas tendentes a modificar a situação, publicando por aquellas paragens editaes em que scientificava á população civilizada que reprimiria com todo o rigor qualquer attentado contra os indios. Graças á sua humanitaria e inabalavel energia, durante a sua administração cessaram ou pelo menos escassearam muito os ataques de lado a lado. Terminada a construcção da linha, a conselho do general Carneiro, foi o tenente Rondon, seu ajudante, destacado pelo governo para transformal-a de provisoria que era em definitiva. Rondon perfilhou a politica de seu chefe em relação aos indios, o que deu em resultado a approximação delles pela certeza que adquiriram de bom acolhimento.

Em 1892 um numeroso grupo desses Borôros apresentou-se pacificamente diante da estação hoje chamada General Carneiro.

O respectivo telegraphista communicou immediatamente esse acontecimento ao capitão Rondon, que se encontrava em uma outra estação e que d'ahi mesmo expediu as instrucções de cujo cumprimento nasceram as primeiras relações modernas entre civilizados e os Borôros do Caminho de Cuyabá. Depois disto o pessoal das linhas telegraphicas não perdeu mais o contacto com esses indios.

Mais tarde, quando o chefe Rondon teve o encargo de construir a linha Cuyabá-Corumbá, preocupou-se com a situação em que ficavam seus protegidos não tendo quem se interessasse por elles.

Estando com essa idéa em Cuyabá, occorreu-lhe entregal-os á administração dos salesianos, os quaes, nessa época já haviam sido demittidos da direcção da colonia estadual de Borôros, estabelecida em S. Lourenço com indios pacificados em 1886 pelo tenente Antonio José Duarte. Falou nesse sentido ao padre Malan, que até então desconhecia a existencia de

Borôros no Rio das Garças, instruiu-o a respeito das disposições pacificas desses indios, das terras que habitavam, quasi todas de propriedade do Estado e, portanto, de facil aquisição e, descendo a minudencias, indicou ao padre o logar mais conveniente á séde do estabelecimento.

O salesiano aproveitou todas essas informações, e o chefe Rondon ficou satisfeito na esperança de que com a permanencia dos padres ali lucrariam os indios pelo menos a vantagem de não serem mais trucidados em suas aldeias.

Além desses, apenas os seguintes bandos de Borôros são conhecidos em Mato Grosso: os de S. Lourenço, antiga colonia Thereza Christina, já referidos, os da fazenda do Descalvado e os do rio Sepotuba.

Dos dois ultimos grupos, «et pour cause», nunca se approximaram os salesianos.

Foram, pois, os remanescentes do Rio das Garças e de S. Lourenço, que forneceram colonos ás novas feitorias salesianas, fundadas em 1901 e 1904 por conta propria e não mais por iniciativa do governo mato-grossense.

A ultima luta dos de S. Lourenço com os civilizados estava então inteiramente esquecida: perdia-se nos fastos cuyabanos de 1885. Havia, portanto, 18 annos, tres dos quaes entregues a si mesmos, que elles viviam em completa e inalterada paz, quando os retomaram, em 1901, os salesianos.

Pois são esses indios do Rio das Garças e de S. Lourenço que o padre Colbacchini diz que «terríveis vagavam, quaes indomitas feras, terror dos poucos habitantes»; são os que o padre Malan classifica de «monstros traçoeiros, ladrões e vis assassinos», os de quem escreve o bispo salesiano D. Aquino:

«Estes selvagens que aqui contemplo, suavemente conquistados por obra de Catechese, são os

mesmos terríveis Borôros, que, enfraquecidos ha tempos por uma civilização armada, internaram-se quaes feras nas margens selvagens do Rio das Mortes, de onde effectuaram aquellas tragicas investidas que cobriram de cadaveres e de ruinas de habitações abandonadas, as ridentes florestas do Araguaya e do Rio das Garças».

Tudo isto, porém, não passa de uma ligeira amostra da sinceridade salesiana.

III

**Ainda a ferocidade anterior
dos Borôros**

«... porque todo quanto producen y adquieren con el sudor y trabajo de los indios, lo recogen, perciben, y manejan los Padres Curas, y por su mano se les dá a los indios la comida y el vestuario, que siempre es bien escaso... y es tanto el rigor que pratican com ellos, que pasa de esclavitud la gran servidumbre y miseria en que los tienen.

(Gortari — *Los Jesuitas en el Paraguay*, pag. 27).

Estão aqui em discordante confronto duas palavras: uma de impostores, que, fiados na ignorancia do publico, ousam chamar de fêras e de assassinos pobres indios affeitos á escravidão; outra de um obscuro brasileiro, que vem mais uma vez destruir a farça, ainda que lhe sóbre razão para acreditar na improficuidade de um tal esforço.

Deixemos ambas de lado, e, considerando o conjuncto da tribu dos Borôros, vejamos o depoimento da historia.

Diz ella:

«A Bandeira de Bartholomeu Bueno da Silva, chamado o Anhanguera, que penetrou nestes sertões

(de Mato Grosso) no seculo 17, foi guiada pelos Borôros.» (J. Augusto Caldas — *Memoria historica sobre os indios de Mato Grosso*, pag. 46).

«Antes mesmo do descobrimento do Cuyabá, havia em S. Paulo indios Borôros, tirados destes sertões, os quaes, já domesticados, serviam de guia aos sertanistas para a conquista de outras nações de que não tinham noticia.» (Idem, *ibidem* — pag. 18).

Na sua resenha chronologica relativa ao anno de 1727, diz José Barbosa de Sá:

«Viu-se o povo tão atribulado que desertaram muitos para povoados que pelos barrancos dos rios iam ficando aos montes; outros para o sertão á busca dos gentios Borôros e Parecis, descobrindo-se então esta nação.» (*Chronica de Cuyabá* — R. do Inst. Hist. de S. Paulo, vol. 4º pag. 10.) Na de 1837, escreve: «São os Borôros aliados que denunciam os padres castellanos que estão aldeiando o gentio Guaraporé.» (*Obra cit.* pag. 89).

Em 1741 fundou Antonio Pires de Campos a villa do Rio das Pedras, «povoada, em seus principios, por indios Borôros vindos de Cuyabá para desinfetar a estrada de S. Paulo dos Cayapós.» (Padre L. A. da Silva e Souza — *Memorias sobre o descobrimento de Goyaz*, Rev. do Inst. Hist. Tomo 12 — pag. 493.)

Em 1742, o mesmo Antonio Pires de Campos transportou para Goyaz, afim de bater os Cayapós nada menos de 500 Borôros, que depois desta guerra ficaram constituindo guarnições militares. E' o que se póde ver na referida *Chronica de Cuyabá*, no citado capitão Caldas, em von den Steinen — (*Entre Borôros*, traducção do Dr. Basilio de Magalhães — tomo 78 da R. do Inst. Historico); no Dr. Nelson de Souza (*Os Indios do Brazil*); em J. M. P. de Alencastro (*Annaes da Provincia de Goyaz*); em J. M. Moutinho (*Noticias sobre a Provincia de Mato Grosso*), etc.

«O seu filho, Antonio Pires de Campos, tambem foi um sertanejo valente, explorou os sertões de Minas Geraes e Goyaz e tornou-se pai do celebre Antonio Pires de Campos, que em meados do seculo passado amansou os Borôros, de que se fez chefe e com os quaes deu muitos combates aos Cayapós e fez muitos serviços ao Governo colonial.» — (Nota do Dr. A. de Toledo Pisa, *Chronica de Cuyabá*.)

Affirma Ricardo Franco, em 1803, que dos 2.500 indios dependentes de Coimbra, isto é, que prestavam serviço a esse forte, faziam parte os Borôros, (Rev. do Inst. Hist. Tomo 7 — pag. 207).

Tão doces foram sempre esse indios, que se deixaram captivar pelos Guayacurús. O mesmo Ricardo Franco escreveu em relatorio: «Todos esses novos adquiridos e chamados pelos Guayacurús seus captiveiros, ou sejam xamicocos, borôros, guanás, ou outra qualquer das por elles flagelladas nações, logo que entram em qualquer tribu, são reputados como membros della.» (Loc. cit.).

Em 1825, Hercules Florence os dá como gente pacifica. Para divertil-o e aos seus companheiros, dansou em sua presença todo o grupo do capitão J. Pereira, já baptisado. (Rev. do Inst. Tomo 38—II — 243).

Em 1842, o mais assombrado francez que já pisou terras de Mato Grosso, o Dr. Amédée Moure, para quem quasi todos os indios do Brasil eram «sauvages et anthropophages», emquanto escrevia do commum dos indios dessa Provincia que — égorger un être vivant et le devorer est pour eux un plaisir, dizia o seguinte dos Borôros — Ils sont aujourd'hui, á demi-civilisés. Leur barbarie s'est adoucie, ils sont devenus humains et sociables» — (*Les Indiens de la Province de Mato Grosso* — pags. 17 e 35).

Em 1862, Rodolpho Waehnelde, encontrou-os ser-

vindo de vaqueiros com um salario mensal de 3 a 5 mil réis, alguns falando já o portuguez, e informa: «Estes indios são geralmente de boa indole, vestem-se quasi todos e conservam sempre uma profunda melancolia, que se reflecte perfeitamente nas suas festas e dansas, que quasi sempre tinham logar ao luar, debaixo das gigantescas palmeiras. — Rev. do Inst. Tomo 27 — pags. 19 a 26).

Em 1875, Severiano da Fonseca os considera semi-civilizados e amigos dos sertanejos (*Viagem ao redor do Brazil*).

O capitão João Augusto Caldas (*Vocabulario da lingua indigena dos Borôros Coroados*) affirma que de 1886 em diante: «o contacto dos Borôros com a gente civilizada fez cessar de vez as correrias continuas, trazendo a paz e a tranquillidade dos moradores daquellas paragens.» «São hoje inoffensivos — accrescenta o capitão — e vivem em pequenas aldeias, estando presentemente a maior parte delles na colonia Thereza Christina.»

Em 1887, von den Steinen testemunhou nessa colonia o resultado da pacificação e agremiação dos Borôros, feita no anno anterior pelo tenente Duarte, e a proposito escreveu uma longa monographia em que, aliás, bem pouco sympathico se mostrou ao mesmo Duarte e á sua administração.

Dessa definitiva submissão nunca mais interrompida, occuparam-se, entre outros, o presidente Galdino Pimentel, o capitão Caldas, o presidente general Mello Rego, sua esposa, D. Maria do Carmo, e o coronel Paula Castro.

Escreveu este official, em 1899, 4 annos depois da primeira e 2 annos antes da segunda administração salesiana dos Borôros:

«Os Borôros Coroados formam uma grande tribu que depois de submettida pelo tenente-coronel Antonio

José Duarte, de saudosa memoria, entrou em relações intimas e constantes com a gente civilizada.» (*Vocabulario da lingua indigena dos Borôros Coroados*).

J. Caldas assegura que «as ultimas escaramuças desses indios foram em 1885» (*Obra cit.*)

Ora, nenhum desses autores teve o proposito de contestar os salesianos. Delles, apenas dois J. Caldas e Paulo Castro, poderiam ter ouvido falar em semelhante gente. Fica, portanto, demonstrado com o testemunho da Historia:

- 1.º — Que os Borôros nunca pertenceram ao numero das nações indigenas bravias, e que as suas desavenças com civilizados foram esporadicas e communs ás mais pacificas tribus, o que se conclúe da attitude que mantiveram desde 1727 até nossos dias;
- 2.º — Que desde 1892, por intermedio da Comissão Carneiro-Rondon, entrou o grupo do Rio das Garças em relações permanentes de amizade com os civilizados;
- 3.º — Que dez annos antes da primeira e dezesseis antes da segunda administração salesiana nenhum ataque, por mais insignificante que fosse, registram as chronicas, do grupo de S. Lourenço.

Logo, é perfeitamente falso o que affirmam os bispos Malan e Aquino, dizendo, um, que os Borôros eram ao tempo da catechese salesiana «ladrões e vis assassinos», e o outro que os Borôros *effectuavam tragicas investidas que cobriam de cadaveres e ruinas as habitações abandonadas*, e é falsissimo o que escreve o padre Colbacchini, assegurando que elles commettiam tudo isto *cynicamente, com o sorriso da mais cruel ferocidade*.

Esses padres de curta fé e pouco escrupulo poderiam encarecer a sua obra e transformal-a nos seus escriptos de exploração clerical que é, em acto de benemerencia publica. Mas si têm um pouco de piedade no coração porque diffamar assim os seus escravos?

Que proveito pôde nisto haver para elles, para os Borôros ou para a sociedade?

Para os Borôros e para a sociedade, é claro que só ha prejuizo e desar, para elles, porém, ha o lucro de se fingirem abnegados, de estarem com a vida a toda a hora em perigo entre «vis assassinos», e com esse falso pretexto mais commodamente explorarem os governos e os particulares.

Certo, não porque os Borôros sejam «monstros traiçoeiros», como elles os chamam, mas porque grandes e innumerados são os abusos dos seus pretensos catechisadores, os padres salesianos correriam risco si não tivessem tomado a precaução de organizar um arsenal ao lado de cada fazenda.

Os indios compravam aos padres, antes da Grande Guerra, isto é, antes da carestia, um machado por 25 mil réis, um cobertor por igual preço — machado e cobertor que haviam sido gratuitamente dados pelo governo. Além disso, recebiam em troca do seu trabalho diario, uma ficha do supposto valor de 1\$000, ficha que só tinha circulação dentro da propria fazenda salesiana. No meio de enormes plantações por elles mesmos trabalhadas, recebiam apenas para seu alimento alguns pedaços de macaxeira, outros tantos de canna, e, em dias de generosidade, um pouco de feijão ou arroz. E, vendo em torno recursos de toda a ordem, não tinham que lhes desse remedio para os bichos de pé!

Precisariam ser monstros, feras, ou vis assassinos para se levantarem contra um tal regimen?

Os desgraçados se insurgem frequentemente, é certo; mas diante das carabinas salesianas limitam-se a abandonar em massa os estabelecimentos.

Vagueiam durante algum tempo pelas redondezas sem encontrar trabalho naquellas alturas, sofrem perseguições dos padres quando caçam ou pescam nas terras do seu dominio e acabam voltando, por miseria, ao antigo captiveiro. Não ha muito tempo, o capitão Pitaluga telegraphou para o Rio de Janeiro communicando uma dessas deserções collectivas a que não fazem menção os pescadores de subvenções, mas a esta hora já devem estar os Borôros, de novo, no jugo.

Nunca soffreu ninguem escravidão mais extorsiva nem mais humilhante; em nenhuma antiga senzala do Brazil foram mais descurados na saude e na instrucção os escravos africanos.

E a essa exploração, dá-se o nome de catechese, e a esses homens victimas de um tal *patrocínio*, o padre Colbacchini, o bispo Malan e o bispo Aquino chamam *féras, monstros e vis assassinos!*

Exactamente o que faziam os jesuitas das missões paraguayas.

Conversão actual dos Borôros

«...no les queda á dichos indios tiempo para aprovechar en la doctrina, ni tienen lugar para professara, pues apenas les queda el suficiente para el descanso.»

(Gortari — *Los Jesuitas en el Paraguay*, pag. 36).

Em 25 annos de observação salesiana só uma novidade escreveu dos Borôros o padre Colbacchini. Esta novidade é ainda uma injuria: as mulheres da tribu, segundo a sua descoberta, matam os proprios filhos por superstições. O facto é contado não como um simples registro para informação dos leitores, mas com a pompa habitual de descompostura, que é a maior prova de consideração desses desnaturados patronos pelos seus escravos. Eis aqui as palavras do padre:

«As leis da humanidade são desconhecidas ou quasi: obedecendo ás superstições crueis que os dominam, matam, ás vezes, os filhos e as proprias mãis com calma cruel e ferina — esmagando a cabeça dos recém-nascidos sem o minimo sentimento de remorso verdadeiro ou aparente.» (Pag. 8).

Esta ambigua redacção poderia dar logar a dúvidas. São as mãis que matam os filhos? São os homens que matam as criancinhas e as mãis destas? São os homens que matam suas proprias mãis e seus filhos?

O padre Colbacchini, porém, esclarece a questão á pag. 66. Diz elle... «para se esquivarem dos incommodos da criação, para serem mais livres, as mãis desprezando tão nobre e delicado titulo, friamente, cynicamente esmagam a cabeça do recém-nascido ou apertam-lhe com as proprias mãos o peito, para suffocal-o e supprimir as palpitações do coraçãozinho; lançando em seguida aos abutres, aos cães do mato aquelle que devia ser o seu amor, o seu thesouro, a sua vida!»

Nunca nenhum escriptor attribuiu semelhante monstruosidade a nenhuma das nossas tribus, nem ainda ás mais bravias, em tempo algum, em nenhum ponto do paiz!

Quer, porém, o leitor ver essas mesmas horripilantes mulheres, graças a um ensino religioso que só existe no papel, transformadas em matronas romanas?

Está aqui o que logo abaixo escreve o padre Colbacchini:

«Agora a mulher tem vergonha, julga-se desprestigiada não tendo filhos, e honra-se, gloria-se, ao ver-se delles rodeada e trazer nos braços a criatura que Deus lhe deu. Não mais procuram meios de evitar a concepção, ou de provocar o aborto: ao contrario, odeiam, abominam essas praticas como o mais negro e grave delicto, affastam horrorizadas o pensamento de matarem os proprios filhos, como faziam nos tempos de ignorancia e cegueira. Até se sentem aviltadas pela vergonha, abaixando a cabeça e os olhos, quando alguém lhes lembra isso,

e dizem logo — «Não falemos mais nisso, não lembremos o passado.»

O padre estultamente imagina que está escrevendo para uma sociedade de estupidos, á qual póde impingir quanta patranha lhe venha á idéa.

Ignorando tão completamente o povo que pretende descrever como as leis naturaes que régem a evolução respectiva, nem sequer percebe que em vez de um titulo de benemerencia para a sua grei, conquista, pelo contrario, com essas insensatas falsidades, o justo renome que merece de mystificador.

Quem conhece os nossos indios sabe que, em virtude da situação mental em que se encontram, tanto quanto da absurda educação religiosa que recebem, — quando a recebem — inteiramente inadequada a essa situação, todas as noções abstractas são nelles obscuras e precarissimas. De tal sorte que, máo grado annos e annos de convivencia no meio de padres, ficam elles antes supersticiosos do que religiosos e si são honestos são-no por indole e não porque tenham comprehendido ensinamentos que, em verdade, ou não são dados ou muito mal dados são.

Ha na Bahia da Traição uma tribu de homens que já são uma decima geração da raça primitiva. Têm, portanto, — digamos — 350 annos de vida entre civilizados. Ha mais de um seculo que levantaram igreja propria, onde assistem ás festas do catholicismo. Pois esses homens, como é natural, misturam a religião com a superstição, conservando muito mais esta do que assimilando aquella. O mesmo se dá com todas as velhas tribus e nações indigenas conhecidas desde os primeiros tempos da occupação do paiz pelos invasores — os Guaranys, os Muras, os Maués, etc., que nunca se desprenderam das suas crendices e abusões avoengas.

Os Borôros não fazem nem podiam fazer excepção.

Referindo-se a João Pereira Leite, nome catholico de um cacique desses indios, diz Hercules Florence (1827): «Apesar, porém, de baptisado, não ficou menos selvagem. Assim é que fazendo-se muitas vezes alarde do zelo e grandes serviços prestados á religião, tudo se reduz a nada.» (Rev. do Inst. Hist., 38 — II — 423). (10)

Mas voltemos á these colbacchiniana.

Note-se bem que na segunda investida não é já por superstição que as mãis borôros matam os filhos, não! É «para se esquivarem dos incommodos da criação, para serem mais livres.»

Eis ahí as infelizes incluídas collectivamente no regimen da depravação civilizada de uma ou outra mãi criminosa, não, como esta, para occultar uma falta, mas com esse unico fim de se esquivarem aos incommodos. Enchem-se então de odio monstruoso contra os seus innocentes filhos, pois não os matam apenas como os raros brutos, que fazem outro tanto, mas «possuidas de ferina crueldade, friamente, cynicamente», esmagam-lhes as cabeças e atiram-nos aos porcos.

O padre Colbacchini leu a monographia de von den Steinen, leu os relatorios de Ricardo Franco

(10) Visitando certa vez a Povoação Indígena do Araribá sob a direcção do Serviço de Protecção aos Indios pretendeu o vigario de Jacutinha dizer missa. Consultados a esse respeito, responderam os indios que ouviriam a missa, mas que preferiam que o padre lhes benzesse as plantações, as cazas, o ribeirão, o cemitério, etc., e como o vigario respondesse que só mediante paga podia fazer isto, desistiram os indios tanto da missa como das benzeduras, allegando que os benzedores indigenas faziam esse trabalho gratuitamente. Pouco mais ou menos o mesmo aconteceu ao bispo Aquino, que tendo ido a S. Lourenço, aldeia indígena tambem a cargo do Serviço de Protecção aos indios, não encontrou entre os Borôros um só ouvinte da missa, que disse nem dos baptizados e casamentos que fez. Entretanto esses indios, que sob a tutela do governo gosam de plena liberdade para adoptarem o credo e praticarem o culto que quizerem, *haviam passado 5 annos na missão salesiana*. Nada disto admira a quem conhece a catechese catholica, na qual são as praticas do catholicismo que se afeiçoam ás crenças dos indios e não a mentalidade destes á doutrina catholica.

e, com uma comprehensão bronca dos factos que esses autores registraram, e, no firme proposito de encarecer com intrujices a pseudo catechese do seu bando, acreditou que podia impunemente transformar operações de aborto e sacrificio de fétos em assassinios infames de crianças! Dando em seguida o acabamento dessa pratica abominavel como resultado da acção religiosa dos padres, faria acreditar na benemerencia da obra áquelles que a não conhecem, aos que, estando longe, não têm do assumpto outras informações que não as de origem salesiana.

Como se enganam facilmente os enganadores!

Não ha uma só pratica de barbaria commettida por indios contra os proprios membros da familia — filhos, mulher, velhos, etc., que não tenha por fundamento uma razão de guerra, uma illusão de amor ou um motivo que para elles é religioso ainda que nós o chamemos superstição.

E' assim que em certas tribus se sacrificavam os velhos para alivial-os do peso da vida, as crianças defeituosas por não poderem dar bons guerreiros, as viúvas por ser o seu destino acompanhar no tumulo o perdido esposo.

Garcilasso de la Vega (*Hist. dos Incas*) e Grandidier (*Voyage dans l'Amérique du Sud*), escreveram que quando uma mulher dava á luz dois filhos, enterrava vivo o que nascia por ultimo *convencida de que este segundo era filho do diabo*.

Coisa bem diversa é isso de um instincto de féra ou, como lhe chama o padre Colbacchini, — uma «crueldade ferina», executada com cynismo e frieza.

Ricardo Franco (Rev. do Inst. Hist. Tomo 19 — pag. 348) informa que entre os Uatadeus e os Ejueos notava-se o costume das mãis matarem os *fétos* (fétos e não crianças), havendo para isto dois motivos principaes: 1) os maridos não as procuravam

emquanto ellas estavam pejudadas e criavam, o que durava de 4 a 5 annos; 2) tendo filho não podia a mulher separar-se do marido e, como este não fazia caso sinão da segunda mulher, ficava a mãe reduzida a ser até á morte uma especie de creada grave da outra.

D'aqui tirou provavelmente o padre Colbacchini a sua salesiana invenção de mãis borôros que matam os filhos, arrebrandando-lhes as cabeças contra pedras e atirando os cadaveres aos abutres e porcos do mato, tudo isto com frieza e cynismo e para não ter incommodos!

Não reparou o padre que matar «fétos» por ciume não é a mesma coisa que matar crianças para ficar livre dellas. Não lhe occorreu tão pouco que tudo é relativo e que, portanto, uma india que mata um «fêto» é muito menos culpavel, dado o seu estado mental, do que a mai civilizada que commete o mesmo crime, não tendo, pois, verdadeiro cabimento a adjectivação pejorativa e rancorosa que para armar ao effeito applica ás suas infelizes escravas.

Não é em vão que se diz acima que o padre Colbacchini engendrou a sua absurda invenção inespertamente baseado em von den Steinen ou nesse trecho de Ricardo Franco.

Karl von den Steinen, que é aliás, até hoje, quem mais acertada e minuciosamente escreveu dos Borôros, effectivamente refere, ainda que *sob fórma de consta*, a pratica de provocação de aborto entre as indias *não casadas dessa tribu*, mas em nenhum ponto fala nem de sacrificio de fétos nem de assassinio de crianças.

E' portanto, de suppor que o barbaro costume de matar fétos tenha cessado de Ricardo Franco (1803) para cá, tal como diminuíram os abortos, de que fala esse engenheiro como coisa corrente e que eram tão raros já em 1887 que von den Steinen não

se atreve a dal-os como certos, sinão apenas como coisa de que se ouve dizer.

Muito ao contrario do que escreve o padre Colbacchini, o naturalista allemão confirma o depoimento de Waehnelde (1862), segundo o qual são os Borôros, como aliás todos os indios brasileiros, extremamente amorosos dos filhos.

Vel-o-hemos adiante.

V

Ainda a conversão actual dos Borôros

«...Y me parece que puedo decir con toda realidad, que tanto distan sus Indios de profesar el Cristianismo como distan estas Misiones de ser verdaderas y apostolicas Misiones.»

(Gortari — *Los Jesuitas en el Paraguay*, pag. 37.)

Aquellas raras boas qualidades que nos Borôros reconhece o padre Colbacchini attribuindo-as á conversão religiosa desses indios são, pelo contrario, um fundo natural de honestidade que não puderam destruir a hypocrisia e a brutalidade; a impudencia e a ganancia; a velhacaria e a mentira; o suborno, a calumnia, a gulodice e toda a sorte de incontinencias que elles se habituaram a contemplar nas fazendas salesianas.

Assim, o affecto materno que o padre apresenta como uma flôr actual da catechese é, ao invéz disso, uma avita inclinação, uma virtude innata que resistiu á dissolução catechetica.

Tratando desse ponto escreveu von den Steinen:
— «De igual modo podemos falar do amor para

com os filhos: apesar da carga pesada, geralmente o bêbê é levado ao mato e, de volta, vem sentado aos hombros da mãe, com a cabeça desta entre as pernas.» (Rev. do Inst. Hist. Tomo 72 — II — 470).

Waehneltdt assegura que eram os Borôros tão ciosos dos filhos pequenos que os escondiam cuidadosamente, quando viam apparecer alguma pessoa desconhecida.

Por ahi se pôde medir o apego desses paes ás crianças.

Nem outra cousa diz o general Mello Rego, que com esses indios tratou longamente. Escreveu elle, de volta da sua presidencia de Mato Grosso:

«Os Borôros amam muito os filhos. As mulheres, principalmente, são tão extremosas em seus affectos que nunca os castigam, nem mesmo os contrariam criando-os desobedientes e tão afoutos que, quando se enfurecem, arranham-nas, batem-nas, atiram-lhes pedras, etc. (Rev. Brasileira, vol. 3º.)

Esse carinhoso trato materno e mesmo paterno dos nossos indios não é novidade para quem os conhece, qualquer que seja aliás o gráu de selvageria ou de civilização occidental em que se encontrem.

Não o é tambem para quem leu os velhos chronistas e os autores que não têm interesse em adulterar a verdade.

Mas, os salesianos, apesar de 25 annos de convivencia com os Borôros, tão pouco delles, como de quaesquer outros indios, se occupam, que nem siquer percebem até que ponto poderiam escrever falsidades impunemente ou com probabilidade de credito.

Dado o proposito préviamente assentado de exaltar á missão com a difamação dos indios, já apresentando-os como perigosos e aos padres como abnegados, já declarando-os transformados, pelo influxo religioso, de fêras que eram, em cordeiros de

Deus, e as mulheres de assassinas crudelissimas, em virtuosas matronas, não se póde esperar que o padre Colbacchini seja mais verdadeiro noutros pontos do character dos Borôros. Seria, porém, fastidioso exami-que no mesmo seu opusculo põe á mostra a calva do padre Colbacchini.

Assignalaremos, pois, sómente alguns outros trechos do seu livro, comparando-os com o que sobre o mesmo assumpto deixou von den Steinen e com o que no mesmo seu opusculo põe á mostra a calva do padre Colbacchini.

1.º — Diz elle: « Não respeitam (os Borôros) nem reconhecem o direito de propriedade: resulta dahi o furto continuo commum. São vicios constantes a mentira, a hypocrisia e a vaidade.» (Pag. 8).

Diz von den Steinen: « Quão regulados eram os direitos de propriedade, já o vimos pela circumstancia de que a presa de caça não fica em poder de quem a effectuou.» (Pag. 468).

E diz o mesmo Colbacchini: « Si, como costumam, flexam muitos ao mesmo tempo um passaro ou um animal, não só cada um conhece a sua flexa como apanhando a dos outros, entregam-n'as aos respectivos donos sem haver engano, de modo que nunca ha confusão ou reclamações de direitos, ainda mesmo quando, perdidas, são achadas muito tempo depois. (Pag. 18).

E mais adiante: « Costume singular e realmente pratico, é o dos selvagens de qualquer tribu: dar a posse da presa ao que primeiro lhe crava a flexa. Esse habito, que evita qualquer discordia ou rixa, é observado escrupulosamente; ninguem tem a coragem de usurpar o animal ferido por outro antes. Si succede ao primeiro a ferir não poder mais perseguir a victima, outros o farão, ainda que lhes custe um dia inteiro de trabalho, mas a presa será sempre daquelle que cravou a primeira flexa.» (Pag. 21).

2.º — Diz Colbacchini: « Ainda ha outra cousa de infanticidio: é a soberba pretensão dos paes que rerem que o filho seja do sexo que desejam. Não succedendo assim, regeitam-n'ou matam-n'ou.» (Pag. 61).

Diz von den Steinen: « As raparigas do ranchão (as perdidas) não casam mais com outrem: os filhos eventuaes têm por paes todos os homens do ranchão com quem ella tivera relações.» (Pag. 468).

E diz o mesmo Colbacchini: « Essa barbara gente, que tem horriveis selvagerias, possuem, (sic.), entretanto, o bello costume de adoptar amorosamente pobres meninos orphãos enjeitados pelos paes. (Pag. 65).

3.º — Diz o padre Colbacchini que o Borôro é refractario a todo trabalho (pag. 20 e 142) e que sendo « misero da mais profunda miseria pela indolencia e repugnancia a todo trabalho, é elevada ao maximo gráu a sua degradação moral.» (Pag. 7).

Diz von den Steinen: « Quando não tinham o que fazer, sim, vadiavam a valer; mas quem se occupava com a feitura de armas, de adornos e utensilios, trabalhava sem parar e tão nitida e cuidadosamente que os senhores da catechese deviam ficar satisfeitos com isso. Até o idiota do Diapocuri, que nesses entrementes, provocado ou não, fazia das suas graçolas, andava incessantemente occupado.

Nos dias em que tinham de preparar-se para a caçada, cerca de quarenta homens ficavam alegremente trabalhando no «baito.» Pag. 449).

E mais adiante: « Os homens fiavam. Era o «baito» uma reunião de fiandeiras. Confesso que para mim foi uma scena singular, quando, pela primeira vez, vi um daquelles caçadores desembaraçar no seu arco guedelhas de algodão pela vibração da corda. Fiavam algodão e o cabelo de seus mortos. (Pag. 451).

E diz o mesmo Colbacchini: «O indigena emprega toda a diligencia e cuidado no preparo das suas flexas; custa-lhe isto um verdadeiro trabalho longo e paciente. O trabalho ainda mais delicado — poder-se-ia mesmo dizer pessoal — é o de applicar as pennas que devem dirigir o vôo. Empregam os Borôros na confecção das flexas não somente todo o cuidado e diligencia, mas tambem uma technica toda especial e individual.» (Pag. 17).

E depois: «Cada um provê ao que precisa. Como dissemos, os homens occupam-se particularmente no preparar o arco e as flexas, com habilidade e perfeição raras; tecem as cordas para o arco, a rêde e os anzões. As mulheres attendem á familia, fabricam ou tecem com folhas de palmeiras esteiras, cestos ou paneros, nos quaes em viagem levam os seus haveres.» (Pag. 31).

Ninguem se admire: é que von den Steinen, a quem segue o padre quando lhe convém dizer a verdade, havia escripto: «Quão elegante e nitidamente os homens trabalhavam notava-se principalmente no arranjo das flexas. Havia ali, muitas habilitadezinhas, que parecia mais natural devessem ser confiadas as delicadas mãos femininas. Por exemplo, o adorno feito de miudinhas e variegadas pennugens, que eram postas uma a uma no chão e meticulosamente arranjadas.» (Pag. 452).

E em outro ponto: «O cesto novo estava coberto de penninhas alvinitentes, e em cada lado delle havia dispostas, semelhantes a janellas, duas filas de quadrangulos vermelhos. Era de ver o mimoso e delicado desse trabalho daquelles rudes caçadores.» (Pag. 477).

4.º — Diz o padre Colbacchini: «Lá fica o pobre doente (*o Borôro*) em um canto da casa, abandonado de todos, até dos mais proximos parentes que, aga-

chados perto do fogo, com indifferença glacial, esperam que exhale o ultimo suspiro.» (Pag. 95).

Diz von den Steinen: «Presentemente ellas (as mulheres) se occupam um tanto mais com esse thema (lamentações) por ter morrido a mulher de um dos ausentes, o indio Coqueiro. No rancho dos homens tinham posto o panno verde dos mortos, um vaso e as duas conchas de trabalho da finada: dous «báris» entoavam um longo canto lugubre, enquanto ao fundo se avistava uma porção de mulheres entristecidas.» (Pag. 412).

«Nesse interim, ali chegou tambem Coqueiro conduzindo uma creança pequena pela mão. Silenciosamente, sentou-se ali ao lado, soluçando e chorando. Afóra um cinto preto que elle havia manufacturado dos cabellos de sua mulher, não trazia nenhum outro adorno. As suas faces estavam banhadas de lagrimas, e elle apertava os olhos como si o chorar lhe fosse muito doloroso.» (Pagina 476).

E diz o mesmo Colbacchini:

«O dia em que nas dores do seu mal se recusa ou se nega a alimentar-se, é dia muito triste para os parentes, todos. As esperanças desvanecem. O pensamento da morte proxima se apresenta. Já não come... — dizem — ai morrerá...» (Pag. 78).

«Chegando á extrema agonia, juntam-se os parentes ao redor, e começam um lugubre canto, em um tom muito baixo, o que ainda mais realça a tristesa do momento. Já nas ultimas ancias, aproxima-se um dos parentes mais chegados, colloca-se á cabeceira delle, estende-lhe a mão sobre a téssta e pronuncia algumas palavras, que depois da morte serão repetidas no canto.

Sobrevem então a morte. Ao ultimo suspiro succede um estridor longo, dilacerante da mãe e parentes mais proximos, logo repetido por cada (sic) mulher presente.» (Pag. 96).

Basta! O livro todo é assim, cheio de contradições e inverdades. Tendo de respeitar as cousas dos Borôros que são correntemente sabidas e architectar ao mesmo tempo o falso edificio da catechese salesiana, claro está que o padre Colbacchini havia de emmaranhar-se no labyrintho.

Não é por falta, sinão por sobra de esperteza, que cae o rato na ratoeira.

Mas será permittido a alguém, depois dessas transcripções, acreditar na sinceridade desse falso chronista? Será possivel acceitar como trabalho de conversão religiosa o instincto natural de pobres indios que nunca receberam lições moraes e que, pelo contrario, no meio da sua irremediavel difficuldade de apprehenderem abstrações de doutrina, só máos exemplos tiveram?

Costumes e lendas dos Borôros

«A religião de Jesus Christo é tão boa que estando os padres encarregados de dar cabo della ainda o não conseguiram.»

(D. Antonio bispo de Vizeu)

Si o padre Colbacchini é, como vimos, infiel por exploração, não o é menos por ignorancia do assumpto de que trata. Em 25 annos de missão, a não ser a historia do assassinio de crianças pelas mãis borôros, nada viu, nada observou o salesiano que não conste da monographia de Karl von den Steinen, o qual passou apenas com os indios 27 dias, de 22 de março a 18 de abril de 1888. Mas ha entre os dois descriptors uma differença essencial: um, o allemão, tanto quanto lh'o permittem seus preconceitos visceraes, que o tornam duro em vez de complacente, e antes inclinado a minucias ethnographicas do que á apreciação dos factos de ordem moral, sabe observar; o outro, o padre, não enxerga o que vê.

Considerado em grosso, nada differencia o missionario salesiano do missionario jesuita da decaden-

cia, sinão a falta de instrução e perspicacia no primeiro. Em tudo o mais se parecem de tal modo as duas ordens que se é levado a pensar que não é mais o salesiano do que o jesuita moderno.

O livro do padre Colbacchini, como o dos padres Malan e Balzola — «As missões salesianas em Mato Grosso», — como o da propria congregação — «Cinco lustros da missão salesiana em Mato Grosso» — são documentos tão espantosos de ignorancia quanto escandalosos de grosseria e falta de espirito religioso.

Apresentemos, de passagem, provas dessas affirmativas. A' pagina 33 do seu livro, diz o padre Colbacchini que os borôros «dividem as estrellas em grupos quasi como nós, e alguns exactamente como o fazemos.»

Como von den Steinen (pag. 484) escreveu que os indios davam certos nomes ás constellações por elle indicadas, achou-se o padre autorizado a dizer que elles faziam os nossos complicados agrupamentos estellares, em alguns casos exactamente como nós!

O mesmo faz dando os eclipses totaes do sol e da lua como cousa corriqueira em uma certa latitude, só para escrever o que secularmente se diz do pavor dos indios por esses phenomenos, e tudo isto, ao que parece, porque von den Steinen registrou esse pavor por occasião da queda de um meteoro a 14 de abril de 1888 (pag. 485).

Da pagina 91 a 93 conta ter participado certa noite a um «Bári» (especie de pagé) a sua tristeza por não receber desde muito tempo noticias do seu superior Malan. Na manhã seguinte disse-lhe o «Bári» que o padre Malan, trazendo outros companheiros, já havia passado o oceano para cá, mas que só chegaria dentro de duas luas.

E, escreve o padre: — «Tomei a cousa mais

ou menos entre o serio e o ridiculo; um pouco mais por este lado, pensando: E' fanfarrão matriculado que, para extorquir-me um pedaço de tabaco, vem contar-me tal patranha.

Passou aquelle dia e mais outro quando me chegou um telegramma. Abro. Era o nosso superior que me telegraphava do Rio de Janeiro dizendo que chegaram bem, elle e os novos missionarios, e que só por tal tempo poderia encontrar-se entre nós. Quando li o telegramma para dizer com franqueza, fiquei impressionado e pensei:

— Ora veja, exactamente como o «Bári» me disse.»

E conclue o padre, vacillando entre a feitiçaria e a fé:

«O diabo é sempre diabo e nos faz uma das suas... Quem teria podido dar a noticia ao «Bári» naquella noite? Ninguém veio, o telegramma trazia a data da vespera, isto é, do dia seguinte ao da noticia dada pelo «Bári»...

Tive de dar a noticia oficialmente a todos, e o «Bári» com um sorriso sardonico disse:

— Não querias crer!...

Assim é; taes são os factos, e mais não posso ajuntar porque o mysterio é sempre mysterio: deixemos que os mortos enterrem os seus mortos que neste reino pagão Satanaz é rei e é tudo.

Vejamos a delicadeza de sentimentos e o espirito religioso. Fala o padre Balzola:

«Uma besta, porém, protegida pelas trévas, pode subtrahir-se ás nossas vistas com a carga no lombo, e internar-se na floresta. Naquelle momento era inutil procural-a; mas no dia seguinte fez-nos perder muitas horas inutilmente. E aquelle animal levava a farinha para fazer hostias: era forçoso contral-o. Que fazer?...»

Pensaes, leitores, que o padre teve paciencia de perder mais algumas horas, ou inventar algum evangelico processo de procurar a besta? Responda o missionario, o apostolo Balzola:

« Não sabendo que melhor resolução tomar, «áteei fogo á floresta.» Os meus companheiros ficaram admirados; mas quando o fogo pegou e se estendeu largamente e desprendeu de si um fumo suffocante, e viram o animal trotar rapidamente para o acampamento, approvaram tambem elles aquella resolução extrema.» (Missões, pag. 74).

Chega o padre Balzola á beira de um rio que é preciso passar.

Que faz o catechizador angelico nessa grave circumstancia em que um simples arregaçar de ceoulas resolveria a questão? Responda o padre Balzola:

« Apeei do animal e «encarapitei-me nas largas espaduas de um indio, para atravessar o rio.»!! (Pag. 6).

Vai o padre Malan fundar uma nova colonia (leia-se feitoria) indigena no Rio das Garças. Eis aqui como este paternal catechista communica o facto ao seu geral, D. Rua.

« Ha dois annos e meio que um pensamento pairava em nossa mente: viamos descortinado «um maravilhoso porvir», a suprema necessidade da criação de um novo centro de catechese, «entre os famigerados Borôros» a uns 60 kilometros da florescente Colonia do Sagrado Coração de Jesus.» (Pag. 121).

Um indio borôro carrega um gilvaz de ferimento que recebeu em combate com os Cayapós. Vêde como o padre Antonio Turricia classifica esse golpe de irmão contra irmão, de ingenuos guerreiros que, mais por ignorancia do que por outra coisa, se trucidam mutuamente.

« O filho mostra uma cicatriz de uma «gloriosa ferida», recebida no ultimo combate contra os «Cayapós», que vivem á margem esquerda do «Rio das Mortes». (Missões, pag. 97).

Cai um bolide, os indios se amedrontam e fazem alarido. O padre Turricia não se limita a copiar o que em identica situação escrevera von den Steinen. O padre Turricia accrescenta por sua conta uma delicada observação.

Diz elle:

« Esta estranha «comedia» durou uma hora.» (Pag. 10).

Abrem os salesianos em a «Cruz», uma secção de troça e difamação. Sabeis que nome lhe põem esses religiosos? — O de «Repiques». E com essa doce palavra que nos recorda as saudosas novenas da aldeia — «não trepidam — diz um órgão cuyabano — em sujar nas columnas de um jornal emetico como o seu, a lembrança de uma desventurada moça e de um infeliz rapaz, de cuja desventura pretendem fazer espirito.» (Reacção, de 9 de Fevereiro de 1913).

Resolvem prestar, em um livro de auto-panegyrico, homenagem ao bispo Aquino, salesiano como elles e coparticipante das culpas e dos erros da Congregação. Pois estampam-lhe em cima do retrato um dos mais bellos e maiores louvores que já se fizeram a Maria Santissima: — «Tu honorificentia populi nostri!» (Appendice n. 13 ao livro — «Cinco lustros da Missão salesiana»). (*)

Deve-se observar que certamente, não se regalaria D. Aquino com elogio tão alto si não fosse presidente do Estado, onde se encontram os maiores interesses salesianos.

Mas voltemos ao assumpto especial deste artigo. Está dito que o padre Colbacchini é tão infiel

(*) Todos os griphos são desta transcripção.

por ignorancia como por intrujice, donde resulta que as suas observações, ainda quando são apresentadas de boa fé, carecem de certeza.

Todo o seu livro comprova este asserto, especialmente no capitulo dos costumes e lendas.

Nelle vemos os Borôros salesianos inteiramente diversos dos outros indios brasileiros e até dos outros grupos de Borôros que não vivem sob a tutela dos padres.

O pensamento indigena ordinariamente tão simples e ingenuo apparece ahi vestido de extravagante rhetorica e ornado de complicações que mais parecem productos de um cerebro metaphysico.

Os costumes não têm tradições, as lendas não têm expontaneidade; em summa, tudo mostra que o observador, quando quiz ser fiel, não soube observar e, publicando o resultado das suas observações, nada mais fez, naturalmente, do que escrever disparates.

Costumes e lendas dos Borôros

« Quanto ao estylo das lendas ha ahi alguma cousa de tão singelo e infantil que é impossivel lel-as sem reconhecer que ha nisso verdadeira poesia selvagem. »

(Couto de Magalhães — O Selvagem.)

Entremos, pois, em mais demorada apreciação do livro do padre Colbacchini relativamente aos costumes e lendas dos Borôros.

Diz elle, referindo-se a estes indios: — « Usam medicamentos vegetaes de efficacia dubia, tendo a maior parte valor apenas supersticioso. Não têm medicos, são tratados por feiticeiros ». (Pag. 7).

Provavelmente queria o padre que houvesse entre os Borôros algum doutor em medicina, formado em faculdade conhecida, com o seu diploma em canudo e anel no dedo. Não percebe que o que ellê chama feiticeiros são justamente os homens da tribu que se didicam á arte de curar e como tal conhecem as plantas das suas matas e suas principaes virtudes therapeuticas (como o declara o proprio Colbacchini) merecendo, portanto, com toda a justeza, o titulo de medicos da sua gente.

Eis aqui o que diz á pag. 71 o pretense ethnologo: «Conhece (o selvagem) e sabe dizer o nome, a acção, a virtude das plantas, hervas, flores, fructos e sementes. Uma folha, uma casca, uma raiz, tem para elle virtude especial. Aprendem e sabem de cór uma pharmacopéa formada pelo estudo e experiencia da vida selvagem. Se adoecer, se soffre não recorrerá sinão á planta onde julga encontrar sempre o que lhe é preciso».

Adiante:

«No seu lamentavel aviltamento, não ha entre elles respeito algum aos vinculos matrimoniaes: rompem-nos por qualquer capricho e com o minimo pretexto». (Pag. 7).

Esquece o padre que em certa época entre os romanos que não estavam em «lamentavel aviltamento» não tinham mais consistencia os vinculos matrimoniaes. Nem lhe ocorreu do seu latim obrigatorio a famosa razão do divorcio de Cesar — da mulher de Cesar nem suspeita! Mas a cousa não é como affirma o padre. Só em certos casos, e por motivos certos, rompe o selvagem o laço matrimonial.

«Não fazem (os borôros) distincção entre os metaes: para elles são todos a mesma cousa e dão-lhes o nome generico de *meriri*». Isto diz o padre á pag. 32.

Von den Steinen escreveu o seguinte a esse respeito: «Os bons Borôros eram em demasia tão carinhosamente tratados, que os nossos modestos artigos de troca eram mal vistos por elles. Já eram tão conhecedores, que só pediam machados norte-americanos.» (Pag. 407).

A mesma cousa observou o autor destas linhas entre os indios do Jauapery que estavam ainda na chamada idade da pedra polida. Experimentavam os facões com a unha, exactamente como fazem os ser-

tanejos e deste modo sabiam preferir o Collin a outro qualquer.

Da observação do padre Colbacchini, deviamos, porém, concluir que os Borôros com 300 annos de convivencias entre os civilizados são mais atrasados do que os Jauaperys que nunca sahiram das suas matas sinão para atacar em represalia a povoação de Moura.

Levam os Borôros sua caça ao *Bári*, isto é, ao seu Pagé. Este faz as suas cerimoniaes fetichistas e divide a caça. O padre Colbacchini vê nisto um simples benzimento do animal morto, sem o qual o Borôro não o comeria e victoriosamente conta a substituição desse *passé* por outro que os salesianos instituíram.

«Levam agora (diz elle) os animaes intangiveis aos pés da grande Cruz que se acha no meio da praça da aldeia, e, pondo-os ahi, chamam o Missionario, e fazem o acto da consignação; o Ministro de Deus estende a mão, faz o signal da cruz e dá-lhes a benção. Então, contentes e satisfeitos nada mais temem, nem mais se preocupam com as antigas idéas e os costumes do passado». (Pag. 27).

Von den Steinen criticando a desordenada distribuição de generos aos borôros feita pela gente do tenente Duarte em Thereza Christina, diz o seguinte:

«O indio com isso, fica rebaixado a um estado que já havia transposto na sua vida de caçador, desde tempos immemoriaes; pois um dos fins capitaes da instituição dos *báris*, isto é, homens-medicos (como veremos), era evitar a discordia na repartição das presas, bem que esse problema, em verdade, seja resolvido por ficarem elles com os melhores pedaços». (Pag. 411). (*)

Fazem os indios uma longa solennidade fune-

(*) O gripho é desta transcripção.

bre pelos seus mortos, rito variadissimo, dias e dias arrastado de saudade e superstição. O padre Colbacchini a descreve de modo a tornar-lhe obscura a complexidade e termina com esta conclusão: «Com isto está findo o ceremonial: voltam para casa certos de terem posto o finado no caminho das almas onde com elle se encontrarão depois de mortos». (Pag. 109).

Von den Steinen tem desse mesmo facto um entendimento bem mais simples e natural. «*O conceito fundamental de todas essas solemnidades — diz elle — consiste no medo de que o morto possa voltar para buscar os vivos.*» (Pag. 461).

O *caminho das almas* fica por conta da metaphysica do padre Colbacchini, cujas observações, como é patente, são destituídas de merito e antes conduzem a uma idéa erronea dos costumes e crenças dos Borôros do que a um verdadeiro conhecimento dessas cousas.

Nem mais feliz foi o autor salesiano na colheita de lendas que diz ter feito entre os Borôros. Quem quer que tenha lido as nossas lendas indigenas, pode admirar a simplicidade, que não exclue e, pelo contrario, realça o fundo de ingenua poesia em que assentam.

Ha especialmente certos animaes — o jaboty, por exemplo — que por este ou aquelle motivo prenderam a attenção dos indios e assim offereceram assumpto a uma infinidade de contos. Mesmo nestes casos elles são algumas vezes prolixos, outras abundantes em repetições, mas claros, attrahentes e logicos no indispensavel, aliás sempre adequado, acabamento. E' o que, para citar apenas os mais modernos, se pôde ver nas lendas recolhidas pelo General Couto de Magalhães, pelo Dr. Barbosa Rodrigues e pelo General Rondon.

As lendas do padre Colbacchini não têm pé nem cabeça, não têm poesia e são de tal modo complicados que saem fóra de todos os moldes fetichistas do indio. E como estamos diante de um autor, que, por escola, ageita e affeiçoa todos os factos aos interesses de sua grei, não temos melhores motivos para acceitar as suas lendas do que para sancionar as suas observações ou para acreditar nas suas narrativas.

Ao contrario, quando nos diz o padre Colbacchini que o indio tem o «desejo de se elevar em réligião (leia-se catholicismo) e moral»; quando nos põe diante de um delles que morre como um santo de resignação, piedade e sabedoria (pag. 111); quando nos mostra outros fazendo discursos philosophicos pro-catechese (pagina 9), nossa obrigação é entender que o padre está inventando intencionalmente.

Assim é, de facto. Essas observações e esses elogios, fal-os o padre com a mesma convicção, com a mesma sinceridade com que chama os Borôros de «indomitas féras» e sempre para o mesmo fim, isto é, o proposito mystificador de dar o gentio como transformado graças á catechese salesiana. Lá vem, com effeito, logo abaixo: «Só a caridade e a religião pôde (*sic*) modificar o estado deploravel dos indios Borôros na liberdade da vida selvagem».

Já se disse em que consiste e até onde vae o catholicismo dos selvicolas.

Tratando do cacique Borôro Moguiocure deixou von den Steinen uma formula que serve a toda a tribu:

«O seu christianismo, porém, limitou-se á lembrança desse nome (o de baptismo) por alguns dias». (Pag. 399).

Mas os salesianos não têm mais escrupulos do que medida na mystificação.

Assim, com o mais requintado displante, só bem

avaliado pelos que conhecem a natureza e os hábitos indígenas, escreve o padre attribuindo esse pernóstico arrazoado a um dos seus Borôros: «Este terreno — dizem — é nosso. Viveram e morreram nossos paes nestes campos e nestas florestas... O civilisado nada sabia disto que nós conheciamos e onde habitavamos. Veiu, quiz expulsar-nos, matando nossos paes, roubando nossas mulheres, nossos filhos, e nós juramos vingança e morte a elles todos. Não concluimos a nossa vingança; ainda ha victimas que a reclamam». (Pag. 9).

Ninguém pense, porém, que o intuito do padre é dar aos indios eloquencia e rhetorica até á chapa das «victimas que reclamam vingança», não!

E' para dizer logo em seguida, pela boca do mesmo imaginario discursador: «Se não *continuamos a desforra*, é porque viestes entre nós fallar-nos de Deus, do amor e do perdão; si não tivesseis vindo não teriamos perdoado, e á força e á *traição* teriamos vingado a morte dos nossos queridos, ainda que nos custasse a vida»... (Pags. 9 e 10). (*)

Temos, assim, os Borôros, influenciados pelos salesianos, fazendo o que estes não fazem — perdoar.

Quem já teve a infelicidade de ler um só numero da «Cruz», em que esses homens tratam do general Rondon, póde ver que odio immundo, que amargo rancor, que fria e infatigavel perversidade animam e envenenam a pena de taes apóstolos.

Foi muito grande o mal que lhes fez o general Rondon?

Este apenas: não quiz fechar os olhos á desalmada exploração dos selvicolas de sua terra.

Mas o padre Colbacchini esqueceu que na época em que punha esse discurso na bocca dos Borôros, admittindo que o fosse no primeiro mez da sua

(*) Os griphos são desta transcripção.

catechese, faziam 20 annos já que se dera o ultimo ataque sangrento desses indios e 14 que elles viviam na mais perfeita paz, sem o menor attricto, sem a mais ligeira desavença com os civilizados, como ficou documentado no artigo anterior. (Ver von den Steinen, Caldas, general Mello Rego, d. Maria do Carmo, citados).

Mais: esqueceu que depois da pacificação do tenente Antonio José Duarte (1887) nunca mais, por falta de cabimento, ninguem falou em ataque de Borôros, perigo de Borôros e cousas semelhantes, sinão os padres salesianos, isto é, justamente os homens que mais motivos têm para attestar a mansidão e a paciencia desses indios.

Devemos, pois, em conclusão, rejeitar como suspeito o capitulo dos costumes e como espurias as lendas que sobre destoarem dos methodos e fórmulas das composições indígenas, têm ainda contra si a ignorancia e a infidelidade do autor, muitas vezes comprovadas.

A palavra dos catechistas

« Estos son los verdaderos progresos, acciones y ejercicios, que tuvieron en vida y muerte estos quatro sujetos de la Compañia (4 padres ladrões, assassinos e roubadores de mulheres) que tantas veces me habian celebrado los Reverendos Padres por Misioneros Apostolicos y Martires. Y si estas tan inauditas proposiciones, e injustas santificaciones las profieren, y publican en el Tucuman, donde mas facilmente se pueden averiguar por la cercania, que no habran publicado los Padres en Lima, Madrid y Roma? »

(Gortari — *Obr. cit.*, pag. 82.)

Neste afan de mystificação perdem os homens o respeito dos seus cargos, tanto quanto a medida na invenção, no encarecimento e na propaganda das suas proezas...

Não são apenas irresponsaveis monges desconhecidos que vêm a publico externar e sustentar as mais descompassadas intrujices. Não! Faltam bispos á verdade com a mesma semcerimonia com que o faria algum frade sem escrupulo e de difficil sinão impossivel identificação.

Em 1919 o bispo von Caloen apregoou no Rio de Janeiro que fazia a catechese dos indios no Rio Branco, sendo o seu systema crial-os e educal-os

desde crianças, casal-os em época apropriada e dar-lhes então uma casa de morada com o necessario para começar a vida. O autor destas linhas não só affirmou, como provou que tudo isto era falso, bastando, para verificál-o, saber-se que esse prelado tinha apenas cinco annos de estabelecimento no Rio Branco, tempo que provavelmente não lhe chegaria, ainda quando fosse milagroso, para ter criado, educado e casado nenhum indio. Não podia tambem catechisar nenhum, porque todos os selvicolas alli conhecidos são bons campeadores e canoeiros de aluguel desde o começo do seculo XVIII.

O bispo von Caloen limitou-se, em resposta, a passar-lhe uma descompostura por um jornal escandaloso e, novamente contestado com o testemunho de pessoas de toda a honorabilidade que conheciam o Rio Branco e os trabalhos dos Benedictinos naquella região, calou-se e embarcou-se para a Europa. (11)

No mesmo anno de 1919 o bispo D. Amando fez conferencia no Rio de Janeiro a respeito da catechese dos Mundurucús, dos perigos que nesse santo mister correm seus companheiros, padres Hugo e Luiz Meus, e da confiança que os dois merecem dos catechumenos, sem se lembrar que esses outros indios foram tambem mettidos na civilização ha mais de duzentos annos e que não são poucas as pessoas que aqui conhecem a historia delles.

Já o dr. Murillo de Campos havia dado a proposito dessa catechese as seguintes informações: « Na maloca de Capepi-uat fomos encontrar a igreja provisoria ali construida em Junho de 1909, mais ou menos, por uma missão religiosa allemã, chefiada por frei Hugo Meus.

(11) Esses trabalhos constam sobretudo de grandes excavações á procura de suppostos thesouros. Tambem os salesianos, logo que tiveram noticia da ida do capitão Pedro Dantas a Araés, isto é, logo que viram que não havia perigo em tentar a viagem, para lá despacharam o padre Colbacchini á procura das lendarias minas dos paulistas.

Notámos que a missão não era bem aceita pelos indios, que pouco a pouco se vão mudando e deixando a igreja isolada. Os tuchauas Pompeu e João Affonso diziam não querer negocios com os padres, que nem se animam a chegar ás suas os malocas. (12) O motivo dessa repulsa parece estar no horror que os Mundurucús ficaram tributando ás missões desde uma que de 1881 a 84, a chefiada por frei Pelino de Castrovalva, se estabeleceu no Bacabal, proximo ao Igapó-assú, na margem direita do Tapajoz... (O Serviço de Protecção aos Indios e a Historia da Colonização, pag. 70).

Esses tuchauas que o bispo Amando quer «amansar» são tão selvagens que têm dividas de seis contos no seringal de José Andrade, e esse frei Pelino é o mesmo que em tres annos reduziu a menos de metade uma população de 800 indios que havia arrebanhado. Matou-os no trabalho, mas enriqueceu e, apesar das precauções do commercio e das ameaças do governo do Pará, embarcou para a Europa, levando, ao que se diz, quantia superior a mil contos de réis.

Em 1916 ou 17 (os salesianos gostam pouco de precisar as datas) o bispo Aquino, salesiano, visitando a missão salesiana, fundada «em 1901», como já vimos, com indios Borôros pacificados e aldeiaados definitivamente «em 1886» pelo tenente

(12) «A catechese encontra no Amazonas immensos embaraços; mas uma consideração se deve, entre outras, as poucas conquistas que a palavra do ministro da religião tem feito nos ultimos tempos.

O missionario no seculo 19 não se dedica á civilização dos indios com aquella abnegação e sacrificio de que a historia, em outras epochas, registra exemplos eloquentes.

Elles hoje não penetram com a cruz e a palavra de Deus nas florestas que abrigam os indigenas afim de arrancar-os á ignorancia; contentam-se em estabelecer-se á margem de um rio, na bocca de um igarapé, e ali quando muito levantam uma ermida, junto á qual se agrupam indios que tem o contacto social, e que, com o baptismo da civilização, receberam tambem a innoculação do vicio e dos máos habitos.» (Os griphos são da transcrição.).

Domingos M. Peixoto — (Fala dirigida á Assembléa provincial do Amazonas.)

Duarte e desde então no convivio dos civilizados sem o menor attricto ou desavença com elles, o bispo Aquino — digo — escreveu com pulso firme, no album de visitas do estabelecimento, estas palavras espantosas:

«Só a pacificação destes selvicolas, despovoadores, depredadores, matadores, terror de todo este planalto futuroso, ameaçando a nossa principal via de comunicação telegraphica, é por si um inestimavel serviço ao Mato Grosso e á Nação.» (A Tribu dos Borôros — pag. 135).

Palavras monstruosas, não já tanto porque todo o mundo em Mato Grosso saiba que ellas adulteram malignamente a verdade; não já somente porque meia duzia de escriptores que nunca pensaram no bispo Aquino nem nos salesianos, digam, com verdade, o contrario disto, como sobretudo porque — sempre com o deshonesto fim de exaltar a missão pela difamação do indio — traduzem uma impiedosa, uma bramante, uma deshumana injustiça ao passado e á indole dos Borôros. Estes, como em geral todos os nossos selvicolas, nunca foram «despovoadores», «depredadores», «matadores», mas apenas vingadores de despovoamentos, depredações e matanças.

O bispo Aquino sabe muito bem que os Borôros não eram «terror» de nenhum planalto e nunca jamais ameaçaram a linha telegraphica, cujo pessoal tem soffrido muito mais das extorsões dos padres salesianos do que das malfeitorias de quaesquer indios, excluidos os Borôros, que nunca lhe fizeram nenhuma.

Em 1898 foram os salesianos demittidos, pelo governo de Mato Grosso, da direcção da colonia indigena «Thereza Christina» ou S. Lourenço, como elles chamam. A demissão foi por incapacidade, como veremos depois, mas os salesianos, que a respeito de qualquer facto, nunca têm uma só, sinão diversas opiniões, assim a referem:

« Por isso, (para catechisar) em maio seguinte fez partir (o padre Malan) os primeiros Missionarios para a Colonia dos Coroados, ás margens do Rio S. Lourenço, Colonia que mais tarde reverteu ao governo para inteiramente nos dedicarmos á do S. Coração e á do rio das Garças, muito mais além». (Missões, pag. 13).

A Colonia dos Coroados é a mesma « Thereza Christina » ou S. Lourenço, de onde foram os salesianos « dispensados » em 1898»; e as outras — S. Coração e Rio das Garças, em beneficio das quaes *deixaram reverter* S. Lourenço ao governo, só foram fundadas, a primeira « em 1902 », a outra « em 1905 »! De sorte que *para se dedicarem inteiramente a essas duas* elles « entregaram » S. Lourenço quatro e sete annos antes de fundar, respectivamente, a primeira e a segunda.

Mais adiante, porém, no mesmo livro (pagina 25) a historia já é contada de outro modo: « Empeñados como estavamos no serviço das missões, essas e muitas outras palavras do sr. P. Albera deram-nos o ultimo impulso e resolvi reencetar, (é o bispo Malan quem fala) com novo fervor, os trabalhos da catechese, correndo por nossa conta as graves despezas da obra, « visto ter-nos sido subtrahida a futura S. Lourenço, cujos progressos só não eram patentes aos que de perto não a conheciam ».

Assim, pois, a 28 de Outubro de 1901, que tal é a data do escripto, o padre Malan ainda resolve reencetar a catechese, e não já para correr a « dedicar-se inteiramente » ás outras colonias que não existiam, mas por « lhe ter sido subtrahida a futura S. Lourenço ».

Mas ha ainda uma terceira versão dos mesmos escrupulosos padres salesianos: « Julgando, porém, o segundo successor do benemerito dr. Manoel José Murtinho, na presidencia do Estado, que a Colonia (a

mesma São Lourenço) progrediria com maior pujança sob outra direcção que não a dos missionarios de D. Bosco, « solicitou do superior da Missão a retirada immediata dos mesmos ».

« Foi então » que, procurando novo campo de trabalho, foi o P. João Balzola encarregado de per-lustrar os sertões do norte, o que fez em companhia do catechista Sylvio Milanese, avançando-se a expedição na zona do Paranatinga até regiões poucas vezes calcadas por pés não selvagens. » (Cinco Lustrros, pag. 41). (*)

E', certamente difficil examinar, uma por uma, todas as inverdades deste trecho. Mas, vejamol-o.

No seu officio de 15 de Setembro de 1898 não diz o presidente do Estado que solicitou a retirada dos missionarios, mas que os dispensára (textualmente « porquanto sob a direcção daquelles missionarios os indios até então moradores na referida colonia, della se retiraram, indo estabelecer-se em differentes pontos, achando-se actualmente a Colonia em completo abandono e decadencia. » (Antiguidade e Actualidade Indigenas, por A. Bandeira, pag. 53).

Não « foi então », isto é, não foi em 1898, data da demissão, e sim em fins de 1901, como diz o actual bispo Malan á pagina 22 das « Missões », que o padre Balzola, chefe dos demittidos, « procurou novo campo de trabalho ».

Emfim, as « regiões poucas vezes calcadas por pés não civilizados » são transitadas desde tempos immemoriaes por viajantes e mercadores que a ellas chegavam suavemente, conforme se vê deste trecho do mesmo Malan.

« Seguimos sempre a larga estrada da linha telegraphica, cujos interminaveis postes, mudas senti-

(*) Os griphos são desta transcripção.

nellas avançadas da sciencia, perdem-se no horizonte em direcção de Leste» (Missões, pag. 28), e deste outro do proprio «desbravador» Balzola:

«De Barreiro a Cuyabá ha 500 kilometros, por onde vagam os selvagens. O unico signal de civilização é a linha telegraphica, «cujos postes foram quasi sempre os guias do nosso caminho». (Missões, pags. 75-76). (*)

Percorrendo certa vez o seu districto telegraphico, o então major Rondon descobriu no rio das Garças uma linda cascata, a que deu o nome de Aracy, em commemoração de paternal affecto. Tempos, depois, como já ficou dito, convidando o padre Malan a fundar uma colonia indigena, indicou-lhe esse logar, não só por ser muito aprazivel, como porque, de futuro, poderia o padre aproveitar aquella quéda d'agua como fonte de energia para o estabelecimento. Aceito o conselho e recebidas as indicações para chegar até á cascata Aracy, o padre Malan emprehendeu a viagem, aliás facil e «quasi sempre guiado pelos postes da linha telegraphica», fundou a nova feitoria e escreveu o seguinte ao padre Rua, Geral da comunidade: «Demos afinal com o corrego Aracy, que com suas crystallinas e ligeiras aguas, devia mais tarde abastecer o estabelecimento. Alli estudámos a natureza e a direcção dessa corrente e a fomos seguindo pelas margens, no espaço de uma hora.

Foi então «que tivemos a dita de descobrir uma formosa e esplendida cascata» que tomba duma altura de 15 metros, e que tinha 1 1/2 metro cubico de volume d'agua.»(Missões, pag. 123). (*)

E mais adiante (pag. 126); «Principiou-se então o santo sacrificio da Missa a que assistiram os amigos supra mencionados e uma representação da tribu

(*) Os griphos são desta transcripção.

Borôro. Tinha um não sei que de imponente esta scena, pela vez primeira contemplada «no centro daquellas matas virgens», cuja solidão se casava ao patriotico recolhimento.» (*)

Estas matas virgens — «selva selvaggia» da missão ficam nas immediações da estação telegraphica General Carneiro — LS. 15° 42' 46,5, LO. Ri. 9° 35' 5" 9. A situação das outras colonias é a seguinte: S. José, junto á estação Coronel Ponce, LS. 15° 53' 53",5. L 11° 5' 40"; Sagrado Coração de Jesus, nas proximidades da estação Presidente Murtinho, LS 15° 39' 7, L 10° 43' 46",2.

A quem passe os olhos pela carta de Mato Grosso mostram estas coordenadas em que fim de mundo se encontram as fazendas salesianas: a differença de grãos dá uma idéa clara da «immensa» distancia a que ficam umas das outras. Dão tambem uma idéa nitida do «deserto» dessa região que os padres em 1919, fiados, já se vê, na insciencia dos leitores, affirmaram constituir «um sertão onde ha 3 lustros não se podia transitar». (Cinco Lustros, pag. 48).

(*) Os griphos são desta transcripção.

Ainda a palavra dos catechistas

«...Y no hay Gobernador, ni Juez alguno. que tenga valor para proceder integramente en ellas, porque á todos les assombra el formidable escollo de tenerlos por contrarios ó quejosos.»

(Gortari — *Los Jesuitas en el Paraguay*, pag. 48).

Em 1912, por ordem do padre Ragogna, director da colonia salesiana de Palmeiras, o irmão Bulla, posteriormente ordenado em padre, atirou em dois indios, ex-colonos seus, por estarem pescando num ribeiro daquela propriedade. Interrogado a respeito, confessou Bulla que effectivamente atirára, mas apenas para amedrontar; quando, porém, foi submetido a inquerito, negou o crime a pés juntos e passou a dizer que atirára num «cachinguelê» (*sciurus cætuans*, L.). E' necessario conhecer os habitos esquivos desse animalzinho, para comprehender todo o absurdo da peta. Mas o que ha de caracteristico no inquerito não é a negativa do criminoso, e sim a parte que nos interrogatorios tomaram os salesianos. Elles inquiriam, insinuavam as respostas, aggre-diam os denunciantes de Bulla e, apesar dos protestos destes, o processo continuou até ao fim nos mesmos

termos. E não é só. No seu relatorio o delegado encarregado do inquerito (que se hospedára com os padres) passou uma tremenda descompostura nos accusadores de Bulla e teceu lôas aos catechistas

A mystificação é sempre a maior arma desses padres. E nesse afan de mystificar, — já o dissemos — perdem completamente a medida verosimil da audacia e da invenção.

O seguinte trecho é caracteristico dessa desenvoltura, já porque apresenta como ferozes indios que são ha seculos conhecidos como pacificos, ordeiros e trabalhadores, já porque aventa a possibilidade de serem os missionarios attingidos por «flecha hervada» — cousa de que ha mais de cem annos ninguem tem noticia: (13)

«De`ha muito projectavamos internar-nos pelos invios sertões do Norte, visitar as tribus dos ferozes indios Cajabys, Bacahyris, Tapahunas, Parecis e outras muitas foragidas das balas dos civilizados seringueiros, poyaeiros, sertanejos, emfim, que uma vez empenhados na lucta, pela imprudencia de alguém da comitiva, se dormem é alerta, temendo a cada instante ouvir o sibilo de uma flecha hervada, (sic) ou sentir a ponta aguda dos terriveis «juruparãs», portadores da morte certa.» (Missões, pag. 22).

Ponhamos de parte a flecha em vez de setta hervada, os Cajabys e os Tapahunas, que até hoje não se benzeram e provavelmente não se benzerão com a vista de um salesiano; digamos, sómente para os que nunca se occuparam destes assumptos, duas palavras sobre os «ferozes» Parecis e Bacahyris.

O general Mello Rego (Rev. Brazileira, tomo 2º) divide os indios de Mato Grosso em tres classes: os completamente selvagens, os mansos, mas esquivos,

(13) Em uma correição que fez em 1774-1775 diz o ouvidor Sampaio que as flechas dos Muras, aliás salteadores e ladrões, tinham «agudíssimas pontas mas não eram ervadas.» (*Diario de Viagem*, pag. 12)

e os meio catechizados e em contacto com a população civilizada. Estes ultimos são: os Parecis, os Bacahirys e os Borôros. Os Parecis entraram pacificamente na Historia do Brazil com Pires de Campos, no seculo XVIII, como é sabido.

«São esses indios Parecis (escreve D. Maria do Carmo) laboriosos, e as proprias crianças, desde pequenas, acostumam-se a colher poaia para irem com os paes ás feitorias fazer suas permutas.

Contaram-me, a proposito dessas permutas, que, tendo uma menina Pareci, de sete annos mais ou menos, escolhido um lenço e missangas, desejára uns brincos; como, porém, a poaia que ajuntára não chegava para adquiril-os, o negociante lh'os déra fiados. Na safra seguinte levou-lhe ella poaia sufficiente para satisfazer o compromisso, fazer novas permutas e receber um' saldo, que exigiu em dinheiro, tudo com grande correcção.» (Artefactos indigenas de Mato Grosso, pag. 4).

Quanto aos Bacahirys, eis o que relata a mesma senhora:

«Tudo quanto pude conseguir dos Bacahirys do Xingú foi uma esteirinha com que espremem a mandioca, um fuso, um machado e alguns pentes. Dos Bacahirys do rio S. Manoel tive ensejo de obter duas lindissimas redes de tucum, um barrete de pennas muito bonito e varios arcos e flechas.

Sabe-se, porém, agora, que os Bacahirys do Xingú já começam a relacionar-se com os das cabeceiras do S. Manoel, que aliás fazem parte da mesma nação. Destes conheci em Cuyabá o «capitão» Reginaldo, que ali fôra ter com os companheiros, levando mais de vinte bois carregados de borracha a fazer suas trocas e compras. Muito experto e ladino, correspondeu á amabilidade com que o tratei, affirmando-me que, quando voltasse á sua casa, me man-

daria de presente o arco do «capitão» Reginaldo. Cumpriu, com effeito, a palavra, pois o arco está no Museu.» (Pag. 7).

Eis ahi os «ferozes» indios dos salesianos. Convém notar que tudo isto se passou em «1888», treze annos antes desses padres montarem a sua primeira fazenda, e vinte antes do padre Malan publicar (em 1908) sua, como se vê, apostolica opinião sobre os Parecis e Bacahiris.

Mas o capitulo da auto-glorificação pelo heroismo e pelo soffrimento não é menos eloquente nesses missionarios.

Como vimos, viajavam elles «quasi sempre» (o quasi é demais) «pela larga estrada da linha telegraphica». Pois quando se referem a essa viagem escrevem assim: «Corajosos nos lançámos então por esses sertões brutos e incultos, onde os echos da montanha repercutem os silvos de toda a casta de animaes selvagens, desde a terrivel «Canguassú» até a enorme «sucury»... (O resto do trecho é simples continuação dessa rethorica disparatada que põe sucury no campo e canguassús no pateo das estancias).

Tambem escrevem assim: «Passaram-se nesse vae-vem as longas horas da noite, sobejando occasião de fazermos considerações praticas dos padecimentos do purgatorio e do inferno.» (Missões, pag. 43).

Ou assim: «Haviamos chegado á tarde com o rapido almoço da manhã, sem meios de accendermos fogo para cozinhar um pouco de arroz: o furacão destruiu tudo e a noite colheu-nos «á la Dieu merci». (Idem, 44).

E assim: «Aquella boa familia a quem os salesianos já devem tantas finezas, (não esqueçamos que elles vão por «esses sertões brutos e incultos») preparou-nos uma abundante e escolhida «matolotagem», que suavizou os padecimentos da viagem até Barreiro.» (Ibidem, 47).

Estabelecidos por esperteza, (vel-o-hemos depois) e conveniencia commercial á beira de estradas secularmente concorridas, enaltecem deste modo o «sacrificio» dessa moradia em optimas fazendas, todas nas proximidades de estações telegraphicas, como já vimos, e servidas por escravatura indigena.

«Não devemos tambem esquecer as privações e os soffrimentos incriveis que padecem os missionarios, quer pelo clima, quer pela distancia enorme de pontos civilizados.» (Padre Turrícia — Missões, pag. 119).

Ou assim: «Achado que foi o logar mais conveniente, todos nós descemos das sellas e, ajoelhando-nos, beijámos aquella «terra virgem», onde, com o auxilio de Deus erguer-se-á a primeira capella desta Missão.» (Padre Balzola — Obra cit., pag. 75).

E tambem assim: «Parece-me ter feito uma idéa acertada do trabalho, dos sacrificios e da abnegação daquelles salesianos, e julgo fazer cousa grata a V. R. mandando-lhe uma relação circunstanciada daquella Missão.» (Missões, pag. 91).

Mas a palavra dos salesianos vae além de tudo quanto já se disse: zomba a um só tempo do leitor e do governo e, quando lhe apraz, censura a este.

Exemplo de zombaria: «Desde os primeiros annos do descobrimento de Mato Grosso pelos destemidos bandeirantes, foi sempre timida a tribu dos Coroados, ou «coroás», que pelo numero consideravel de individuos, «muito traidores e vingativos», eram evitados, até que forças aguerridas os pudessem supplantar: formaram-se batalhões, «tentaram os governadores afogar em sangue os pessimos instinctos», mas debalde: ali estão os Borôros, desafiando as balas e sabres «dos soldados», ainda hoje. (*)

A ambiguidade de redacção, que não permite

(*)Só o primeiro gripho não é desta transcripção.

saber-se de quem são os pessimos instinctos, é propria dos salesianos.

Exemplo de censura ao governo:

«Adoptaram-se (sic) modernamente e com intensidade incrível, o systema dos presentes; mas vemos quaes são os seus nullos, sinão nocivos resultados.» (Bispo Aquino — A Tribu dos Borôros, pag. 132).

Ao estylo dos salesianos falta sempre a «lætitia orationis» de que fala Tacito, e ás vezes, conquanto sejam professores, tambem faltam as regras elementares da grammatica. O «systema dos presentes» aqui quer dizer — o serviço republicano de protecção.

Si o Bispo Aquino quizesse caracterizar a «catechisação» pseudo religiosa não encontraria palavras mais adequadas, restaria apenas accrescentar-lhe o cunho de avidez com que por toda a parte se distingue. Cabe no entanto aqui defender a catechese dos protestantes na ilha do Bananal, que não é nada disto que diz o Bispo e, pelo contrario, é boa, honesta e respeitavel e, portanto, essencialmente differente da salesiana, só porque aquelles protestantes em vez de ganancia commercial, têm intuitos humanitarios.

Terminemos, porém, este assumpto.

Pelo que especialmente toca á palavra do padre Colbacchini, as cousas não são menos escandalosas. Imagine-se que elle simúla acreditar que ainda estamos no seculo em que se discutia si os indios eram ou não «homens da verdadeira natureza humana»!

Estão aqui as suas palavras: «E, por isso, ainda que injusta e barbaramente, foram havidos (os Borôros) por fêras e não homens, dignos muito mais de balas de fuzis do que da caridade dos civilizados.» (A Tribu dos Borôros, pag. 7).

E mais: «O Borôro não é, como alguns ousam affirmar, um irracional e um ser mais bruto que

homem, digno de ser tratado do mesmo modo que as feras do mato.» (Idem, 142).

Ninguém pense, porém, que isto é tudo. O padre Colbacchini escreve assim de índios que vivem há mais de dois séculos entre os civilizados: «O uso da verdadeira faca e machado «data de pouco tempo» isto é, desde quando tiveram relações com os civilizados, e «em particular depois da chegada dos missionários.» (Ibidem, pag. 19).

E mais ainda:

«Um golpe de vista... não deixará de commover a quem quer que seja, e de inspirar sentimentos de caridade a todos os bons corações, «estimulando os auxílios para o apostolado da catechese *desses nossos conterrâneos.*» (Idem, pag. 109) (*)

Não quero agora observar que o padre Colbacchini só se compadece dos Borôros, só se commove do estado mental delles, quando chega a occasião de appellar ao peditorio; não quero também assignalar que quando não se trata disto, são esses índios, na sua opinião, «monstros cruéis», cynicos, assassinos, «indomitas feras», etc. Quero apenas dizer que esse padre que chama os Borôros «seus conterrâneos», é italiano e veio de sua patria com 18 annos de idade, segundo se vê do appendice n. 14 ao opusculo «Cinco Lustros de missão salesiana».

E nada do que elle diz é falso, fingido ou inventado.

Não! Tudo isto, toda a sua obra é, como a dos seus companheiros, na linguagem do Bispo salesiano Helvecio de Oliveira, prova de «um laborioso apostolado nas selvas mato-grossenses. (Missões, pagina 7).

(*) Os grifos são desta transcripção.

Todas estas cousas aqui transcriptas têm dobrado valor, porque são ditas (quem o contesta?) «com ingenuidade, com sinceridade, com humildade» e — o que é tudo, (escreve o mesmo Bispo Helvecio) — «sem a intensão calculada de armarem effeito.» (Missões, pagina 7).

Sim! Sem a minima intenção de armar ao effeito!

Primeira conclusão

«Nem me fazem mudar de opinião os baldados trabalhos dos hespanhões e jesuitas para os reduzir e aldear em outros tempos. Para isto não basta mandar dois clérigos que, julgo, seriam ambos como padre Porico, ebrio, libidinoso e, segundo dizem, sem luzes algumas. Estes homens podem estragar outros, porém não melhora-os.»

(Caetano Pinto de Miranda Montenegro — *Rev. do Inst. Hist.*, Tomo 7, pag. 217).

Não ha muitos annos, em Alto Alegre, sertão maranhense, levantaram-se os indios Timbiras e mataram todos os frades e irmãs que conseguiram apañhar da missão de catechese então estabelecida, a expensas do governo estadual, naquelle sitio. O motivo «publico» desse morticínio foi não quererem os frades entregar aos respectivos pais, máo grado ás suas repetidas reclamações, um certo numero de creanças indigenas que haviam sequestrado.

Esses Timbiras eram e são, desde centenas de annos, ordeiros, pacificos e de indole affectuosa, o que torna pouco accetavel a explicação dos missionarios. Em casos taes, porém, toca sempre aos indios o papel de algozes e aos outros o de victimas innocentes. Elles não são siquer chamados a depôr, de sorte que só a voz de uma das partes é ouvida.

Nestas causas assim tão mal apresentadas a julgamento não ha quem ponha em duvida essa voz unica, que é, em geral, de estrangeiros desconhecidos, de homens cujo procedimento longe de inspirar afasta, pelo contrario, a confiança, mas esses homens trazem sobre os hombros uma veste de religião e respeito e é quanto basta para que sua palavra seja acreditada. Ninguem se lembra de indagar si aquella insígnia de amor está transformada em capa de aventuras, e o pobre indio, o filho descurado e infeliz da mesma Patria que tão generosamente acolhe os exploradores comopolitas — esse é o «monstro», a «féra», o «ladrão e vil assassino», conforme a paternal linguagem do bispo Antonio Malan.

Acceitemos, porém, que o motivo do horrendo crime de Alto Alegre foi apenas o sequestro (sem máos precedentes, mas contra a vontade paterna) das creanças indigenas.

Esta só falta de consideração ás opiniões e á autoridade domestica dos indios traduz um absolutismo de principios, e uma intransigencia de proceder que bastam para caracterisar a incapacidade mental de taes catechisadores. (14)

Mas si os indios tambem falassem? Si a sua

(14) «Os acanhados resultados que se tem colhido nesse ramo do serviço publico (a catechese) a despeito dos esforços que se hão empregado, e as causas a que attribuo esse facto as expuz no meu citado relatório: são, em resumo, a carencia de Missionarios esclarecidos, e animados de fervor religioso, e de patriotismo: a insufficiencia dos meios pecuniarios de que se tem disposto; e a falta de um systema de educação mais apropriada.»

Fausto A. de Aguiar (*Exposição apresentada ao presidente do Amazonas*, 1851) (Os griphos são nossos e a pontuação do autor)

«Será mais um facto digno de estudar-se emquanto não ficam estabelecidas as novas missões: si o regimen da liberdade dos indios entregues somente á protecção das leis e das autoridades civis, produz ou não algum bom resultado, é melhor ou peor do que o regimen dos Missionarios e directores. E' talvez conveniente esta experiencia; por quanto si nos tempos preferitos os Missionarios muito fizeram, na nossa epoca tenho factos que mostram serem elles tão esteréis e inprofiqos como os directores.»

Epaminondas de Mello (*Relatório apresentado á Assembleia legislativa do Amazonas*, 1866).

voz chegasse até aos centros populosos para contar o tratamento que recebem, as injurias que supportam e os baixos segredos conventuaes que para virem a publico fôra preciso que houvesse cá fôra homens tão escandalosos como os das companhias de catechese catholica?!

Destino identico ao da missão do Alto Alegre teriam tido ha muito tempo as missões salesianas de Mato Grosso, si não tivessem os padres juntado precavidamente a cada uma dellas um pequeno arsenal de optimas armas de fogo — espanto e decepção de quantos as têm visitado na esperança de encontrar casas de religião e não depositos de armamento. (15)

Os frequentes abandonos que fazem os Borôros das fazendas salesianas mostram que os padres não modificaram até hoje o systema de catechese que empregavam em 1895, e que motivou a barulhenta demissão delles, não obstante as reservas que nos escandalos monacaes, e em attenção ao ministerio religioso, se guardam ordinariamente.

Deu origem a esse facto a concupiscencia de um irmão leigo que pretendeu desviar a mulher de um cacique. Apresentada uma e duas vezes, a queixa do offendido, não lhe deram os padres attenção e, promettendo castigar o culpado, nenhuma providencia tomaram.

Já eram os indios nessa época tão civilizados

(15) O convento e as terras do patrimonio da cidade de Penapolis (Noroeste do Brazil) foram doados a frades franciscanos com a condição de tomarem a si a catechese dos bravos Caingangs. Os padres guardaram o convento e as terras, mas nunca deram um passo para o lado das matas onde viviam os indios.

Por occasião da Grande Guerra tornaram-se suspeitos, por serem allemães, e dando a policia uma busca no convento encontrou grande quantidade de clavinhas Winchester. Os padres explicaram que haviam adquirido ~~essas~~ armas para se defenderem dos Caingangs, isto é, dos mesmos indios que estavam obrigados a catechisar em troca de favores liberalissimos!

Já em outra parte mostramos que desde os primeiros tempos da catechese era habito dos padres só se aproximarem de indios selvagens acompanhados de força armada. Ahi tambem provamos que até de canhões e trincheiras fizeram uso em paragens remotas sujeitas a possiveis assaltos indigenas.

e tão morigerados que se limitaram a applicar uma surra no tal irmão leigo e abandonar em massa a colonia. (16)

E' este o teôr do decreto de demissão: «O Coronel vice-presidente do Estado, attendendo a que tendo sido, por acto n. 610, de 19 de Abril de 1895, confiada aos missionarios salesianos enviados a este Estado com o fim, entre outros, da catechese dos indios, a civilisação dos indios localizados na colonia Thereza Christina, não tendo, entretanto, essa medida correspondido á espectativa dos poderes publicos, porquanto sob a direcção daquelles missionarios os indios, até então moradores na referida colonia della se retiraram, indo estabelecer-se em differentes pontos, achando-se actualmente a colonia em completo abandono e decadencia, como foi oficialmente averiguado pelo commissario a ella enviado pelo governo, para esse fim — resolve dispensar os reverendos padres « João Balzola » e « José Solari », ambos do numero dos missionarios, dos cargos de director e vice-director da sobredita colonia Thereza Christina, e encarregar o tenente do corpo de policia Epiphanyo José Victorino, de sua direcção provisoria, de accordo com as instrucções expedidas por esta presidencia. Cumpra-se e communique-se. Palacio da Presidencia do Estado, em Cuyabá, 15 de setembro de 1898 — Antonio Cesario de Figueiredo.»

Nesse tempo não tinham ainda os salesianos collegios equiparados, isto é, não tinham fabricas de transformar em doutores os filhos vadios dos

(16) «Com o desenvolvimento relativo das missões carmelitas, pelas quaes a boa fé e ingenuidade dos indios, ainda pouco conhecedores da ambição e manhas dos brancos, eram explorados sem escrupulos a bem de interesses mareriales, a catechese foi se tornando antes um poderoso factor de dissolução e extinção de tribus, nações e raças, do que da necessaria e salutar adaptação dos aborigines ao meio civilizado.

Mais de uma insurreição de indios foi provocada pelo inapto e injusto procedimento dos missionarios carmelitas...»

Jacques Ourique (*O valle do Rio Branco*, 1906)

potentados. Era então muito mais facil a um presidente tomar uma tal medida. Agora, depois dos gymnasios e lyceus, o caso mudou de figura.

Apezar dos clamores dos jornaes, clamores que motivaram, em 1898, o inquerito de Thereza Christina e consequente «dispensa» dos padres Balzola e Solari, os governos de Mato Grosso fazem ouvidos de mercador e os pseudo catechistas continuam tranquillamente a sua obra de mystificação demasiado conhecida.

Em 1908 «sem a intenção de armarem effeito» — como diz o bispo Helvecio — trouxeram os salesianos de Mato Grosso ao Rio uma banda de musica composta de 21 pequenos Borôros. A «Reacção», jornal cuyabano, protestou inutilmente contra esse facto e, commentando-o mais tarde, dizia que o fim dos padres fôra: (textualmente) «exibir pelas principaes cidades do Sul até o Rio essas innocentes creaturas, como um bando de animaes amestrados, conseguindo, á custa desses pobres inconscientes, cuja infancia elles exploram, um verdadeiro carregamento de dinheiro e de donativos que os enriqueceram em pouco tempo.»

E acrescentava: «Para se avaliar o que foram esses donativos basta saber que o governo do presidente Penna, além da consignação de cem contos no orçamento de um só anno, autorizou o despacho, livre de direitos, no valor de cincoenta contos de réis, das mercadorias que introduzissem para utilidade do serviço de catechese, e além desses favores sabemos que elles introduziram por Goyaz 80 animaes carregadoss de mercadorias, sendo animaes e mercadorias «producto das exhibições que andaram fazendo dos indiosinhos, ALGUNS DOS QUAES PERDERAM A VIDA» nessa longa excursão a que certamente não estavam acostumados, fóra dos climas e dos costumes a que

tão cedo foram arrebatados.» (Reacção de 15 de setembro de 1912).

Em junho de 1911, quando o General Rondon visitou as colonias salesianas, tão affeitos estavam os padres á escravisação dos Borôros e tão pouco acreditavam que houvesse quem desinteressada e sinceramente defendesse indios, que não tiveram nenhum pejo ou vexame de apresentar-lhe todas as chagas da catechese, ainda que na verdade as tivessem lavado um pouco, na occasião, para diminuir o máo effeito.

O General encontrou os Borôros andrajosos e cobertos de bichos de pés, habitando casas «evidentemente inferiores áquellas que elles constroem em suas matas», (17) recebendo no meio de tanta fartura «escassos e rudes alimentos», alugados a fazendeiros pelos padres, ganhando fichas em vez de dinheiro e pagando 25 mil réis, isto é, 25 fichas — ordenado de 25 dias — por um cobertor ou um machado; as mulheres obrigadas a trabalhos pesados, as creanças, tal como entre os frades do Alto Alegre, separadas de seus pais.

Ouviu o General, entre outras inculpações, as que se referiam ao padre Salveto «acusado de tratar os indios com reprovavel violencia, chegando ao ponto de castigal-os a ponta pés e dirigil-os nos trabalhos de roça de carabina em punho.»

Tambem dos civilizados ouviu o General amargos resentimentos contra os salesianos. Diz elle: «Não só relativamente ao indio apresentei reclamações á missão salesiana. Tambem dos empregados das linhas telegraphicas, e especialmente dos de General Carneiro e Presidente Murtinho, tive de patrocinar jus-

(17) «Só a capella e a casa de residencia do missionario têm algum valor. As barracas da parte que propriamente constitue a missão e que são apenas 19, abertas mais ou menos de todos os lados, sem commodo algum, não dão idéa de civilização mas de barbárie.»

Domingos Jacy Monteiro (*Relatorio apresentado a Assembleia legislativa do Amazonas, 1877*).

tíssimas queixas contra os padres da referida missão. E quanto essas queixas são baseadas, posso eu avaliar pelo facto que testemunhei e passo a relatar-vos: Estando o telegraphista Lisboa, encarregado da estação Presidente Murtinho, em desavença com os padres, um destes contou ao padre Malan novos motivos de animadversão, que não pude perceber, contra aquelle funcionario, declarando nessa occasião o inspector salesiano (o então simples padre e hoje bispo Malan) que prohibia a venda de generos alimenticios ao referido telegraphista, o que naquelles centros, onde só a missão negocia com taes generos, equivalia a deixar morrer á fome o seu desaffectedo.»

Todas essas transcrições são tiradas de um officio do general Rondon ao ministro da Agricultura — officio publicado na época (1912) em diversos jornaes. Por essa occasião o sr. Lacerda de Almeida, presidente do Centro Catholico, segundo o costume dos defensores da catechese salesiana, passou uma descompostura no general Rondon, chamando-o de «instrumento da Maçonaria na realisação de uma das theses do seu programma politico» (o General é pozitivista, e como tal adversario das sociedades secretas) e declarou que as affirmativas do illustre patriota teriam a «seu tempo cabal resposta».

Essa resposta, que devia ser uma contestação formal ou «cabal» ás asserções do General, até hoje não appareceu. Em compensação, porém, pouco tempo depois sahia de officina anonyma um immundo folheto contra aquelle official, folheto que, sem o minimo pejo ou recato, foi exposto á venda numa «republica» de padres salesianos á rua do Senado.

Em 1915 o padre Balzola, o mesmo da colonia Thereza Christina, foi ao Rio Negro, no Amazonas, explorar a região, afim de escolher um ponto e indios para uma nova feitoria salesiana. Está claro que deixou atraz de si, no proprio Estado de Mato

Grosso, os Cajabys, e no Amazonas os Parintintins, uns e outros selvagens, tidos como bravios e, o que devia ser mais decisivo para missionarios, pagãos e perseguidos pelos seringueiros, e preferiu «amansar», «domesticar» e «catechisar» os Barés que já em «1774» o Ouvidor Sampaio encontrou em Lama-longa baptisados e vivendo entre civilizados.

Acabada a exploração, e antes de fundar qualquer estabelecimento ou mesmo iniciar qualquer trabalho naquella zona, embarcou o padre Balzola para a Europa, com escala pelo Rio, e levou comsigo o barézinho Cyro, seguindo nissö, dizia o «Imparcial» de 27 de setembro de 1915 — «a praxe adoptada pelo Exmo. Sr. D. Antonio Malan, de se fazer acompanhar em suas viagens á Europa por um indio dos mais applicados, a titulo de premio e para estimulo dos demais.»

A mystificação era clara. O pequeno Cyro não se podia ter distinguido em nada, pelo simples facto de não haver em que se distinguir. Nada aprendera com o salesiano. Era, porém, um menino educado e vivo que o padre Balzola, com requintada falsidade apresentaria na Europa como fructo da catechese salesiana, e que, sobretudo, lhe serviria como pedinte de obulos para a missão. O autor destas linhas protestou contra esse abuso, em artigos publicados na «Noite» de 7 e 28 de Setembro daquelle anno. Seu protesto repercutiu na Camara dos Deputados, onde o Sr. Mauricio de Lacerda, em vehemente apostrophe, concluiu um discurso a respeito com estas palavras: «Meu requerimento, em todo o caso, provoca do Governo uma qualquer palavra ou providencia para evitar essas exhibições, que não têm mais logar em nosso tempo sinão como uma vil traficancia de saltimbancos.»

Tudo foi baldado. O padre Balzola, «segundo, a praxe adoptada pelo Exmo. Sr. Dom Antonio Ma-

lan», levou á Europa o menino Cyro e com elle, a pretexto de catechese, esmolou naquelle continente como se nossa Patria precisasse de taes migalhas para amparar os seus proprios filhos.

Primeira conclusão, portanto: — Os indios brazileiros são escravizados, explorados e diffamados por estrangeiros com o apoio moral e com os recursos pecuniarios que a esses estrangeiros dão os governos e os cidadãos brazileiros!

Segunda conclusão

«Que o bom religioso, verdadeiro,
Gloria vã não pretende, nem dinheiro.»

(Camões).

Borôros pacificados pelas commissões Carneiro-Rondon e Borôros pacificados e aggremiados pelo tenente Duarte, por intermedio da india Rosa, que, tendo sido aprisionada em creança, teve, depois de adulta, a fortuna de prestar este serviço á sua gente — indios, portanto, ha longuissimos annos afastados da vida selvagem, taes são os colonos das fazendas salesianas.

Tomando-os para exploral-os industrialmente, sem nenhuma preocupação de ordem espirital e antes dominados pela pressa no ganho, nunca se lembraram os padres de ensinar-lhes outra coisa que não os trabalhos materiaes e rudimentares de agricultura e criação.

Onde, pois, a catechese?

Onde o espirito religioso desses homens que preferem á gloria do apostolado o lucro da mercancia?

Onde, ao menos, o decôro, si em tal situação moral, o que logo se patenteia a quem visita as missões salesianas, é o seu cunho de cupidez desalmada?

Em 1919, data do livro do padre Colbacchini, esta situação não havia mudado, nem no que diz respeito á educação dos indios, nem quanto á ganancia commercial dos padres. Os Borôros são hoje intellectualmente, e sem nenhuma culpa disto, os mesmos homens que os salesianos arrebanharam de 1901 a 1905, e os salesianos, os mesmíssimos que eram ha 22 annos, quando foram despedidos pelo governo de Mato Grosso. Por conseguinte, moralmente, os Borôros devem ser hoje peores.

Como se disse em outro artigo, estão os estabelecimentos salesianos junto a estradas concorridas, numa região medianamente habitada por mais que seus donos falem em «sertão bruto», «terra virgem» e «deserto».

Nesse mesmo anno de 1919, ha, portanto, poucos mezes, com o fim de desmascarar ecomendados embustes de um folheto do celebre autor da celebrissima «Historia da Colonização», passou o Sr. Horta Barbosa um telegramma ao capitão Octavio Pitaluga, deputado por Mato Grosso, e teve a seguinte resposta:

«Scienter, respondo vosso 449 de 21 — Em junho de 1917, quando em viagem até proximo á Villa Registro do Araguaya, tive oportunidade de conhecer as colonias salesianas de S. José, Sagrado Coração e Immaculada Conceição, esta apenas por informações, porque fica fóra da estrada na margem do rio das Garças. As duas primeiras estão situadas de tal modo que qualquer viajante póde conhecê-las no seu desenvolvimento material, tanto pelo conjunto dos serviços de culturas e das bemfeitorias, que desde muito longe se avistam, como tambem porque se é

forçado a transitar pelo interior das mesmas colonias, na dependencia até de favor para passagem pelas portas «fechadas a cadeado», como acontece na Colonia do Sagrado Coração. Na minha ida e volta não quiz ser hospede nessas colonias, apesar de convidado, porque nada adiantava para conhecer os aspectos material e moral dos serviços da missão, pois todos os melhoramentos «e o conforto de que vivem cercados os salesianos» saltam á vista de qualquer observador, e, quanto á verdadeira situação moral dos indios, nunca seria dita por aquelles padres. Sei, por informações positivas e insuspeitas dos moradores e funcionarios das estações telegraphicas Presidente Murtinho e General Carneiro, que frequentam assiduamente as ditas colonias, que os salesianos «tudo lhes difficultam, afim de serem os unicos senhores do commercio de toda aquella região, vendendo productos por preços extorsivos e escandalosos. Devido a tantos abusos, o telegraphista da estação Presidente Murtinho insistentemente tem reclamado aos seus chefes a mudança da séde da estação para Sangradorzinho ou para outro ponto fóra da propriedade salesiana. Naquelle anno de 1917, os indios existentes nas citadas colonias eram: 15 em São José, 70 em Sagrado Coração e 40 em Immaculada Conceição, quasi todos anciosos por deixarem o jugo salesiano.

.....

Na aldeia Jardore, situada no alto Pogaba, onde estive naquella época, tambem em julho ultimo (1919), encontrei muitos indios fugidos da colonia S. José, ex-musicos da celebre banda que esteve no Rio, por occasião da Exposição Nacional de 1908. Elles allegam máos tratos, excesso de trabalho e nenhuma remuneração, como motivo pelo qual voltaram a procurar seus parentes.» («O Serviço de Protecção

aos Indios» e a «Historia da Colonização do Brazil» — pags. 45-46). (*)

Em resumo, pois: tudo quanto até aqui temos escripto mostra que falta capacidade intellectual e idoneidade moral aos actuaes catechisadores catholicos e especialmente os salesianos de Mato Grosso e do Rio Negro, que são os principaes empresarios dessa especie de simonia. Por mais custosa que essa exploração seja em dinheiro á Nação (relativamente duzentas vezes mais do que o serviço republicano de protecção aos Indios), ella o é muito mais ainda em prejuizos de ordem politica e moral que se traduzem, a) na oppressão e na depravação das nossas tribus, pois, como diz Caetano Pinto — «esses homens podem estragar outros, porém não melhora-los»; b) na extorsão commercial aos nossos patricios daquelles pontos em que dominam as chamadas missões; c) no descredito exterior do nosso paiz pelo peditorio indecoroso feito sob pretexto de educação e manutenção dos seus selviculas — clausula esta tanto mais surprehendente aos olhos europeus quanto é por lá sabido que ha Brazil um serviço de assistencia aos indios.

E, como tudo isto é feito dentro e fóra da nossa terra, por estrangeiros, vejamos si as instituições de onde promanam tamanhos abusos encontram ao menos amparo ou desculpa nas nossas leis.

Em «Parecer», de 25 de março de 1903, escreveu o Dr. Araripe Junior, então procurador da Republica:

«Em aviso de 21 de janeiro ultimo, o Ministerio das Relações Exteriores pergunta ao da Justiça e Negocios Interiores si ha inconveniente em que os sacerdotes allemães Otto von Jutzjanka e Curt Haupt pratiquem no Estado de Santa Catharina a catechese dos indios.

(*) Os griphos são desta transcripção.

Si se trata de catechese no sentido mystico da palavra, isto é, de simples instrucção religiosa pelo catecismo, pela pregação, pela escola, pelos actos de culto externo, ou pelo emprego de outros meios de aparato de que usam as confissões, para propagar a fé, quaesquer obstaculos que se possam oppor ao exercicio da missão encontram remedio nas disposições dos paragraphos 1º, 3º, 6º, e 12º do artigo 72 da Constituição da Republica..... Segundo parece, porém, os alludidos sacerdotes allemães não pretendem só isso..... Nessa hypothese, a questão muda de aspecto..... Recorrendo á lei de 27 de outubro de 1831, decretos ns. 285, de 21 de junho de 1843; n. 373, de 30 de julho de 1844; n. 426, de 24 de julho de 1845, e outros actos do governo, se vê que a «catechese e civilização dos Indios eram, como devem continuar a ser, um serviço de ordem administrativa, importando em essencia o exercicio da soberania e o policiamento das hordas selvagens sujeitas, como habitantes do territorio, á suprema autoridade da lei brasileira.»

«Ao tempo que a igreja não estava separada do Estado, naturalmente essas missões eram entregues aos missionarios catholicos, «os quaes se delegavam parcellas da autoridade civil». Todavia, essa delegação «não eximia» o governo de fiscalizar o exercicio das respectivas attribuições...

«Feitas essas considerações, «é intuitivo que os missionarios estrangeiros não podem» ser encarregados pelos governos dos Estados, oficialmente, do serviço de que se trata, porque veda-o o paragraho 7º, do art. 72 da Constituição da Republica. E' obvio, tambem, que não se lhes póde impedir o exercicio da sua função sacerdotal nos «aldeiamentos policiados».

«Nenhuma destas faculdades, porém, autorisa-os a internarem-se pelos territorios desertos do

Brazil» e a promoverem ahi o aldeamento de indios, a instituirem collectividades sem o concurso da autoridade brasileira, «organizando missões, exercendo sobre os indios, além do prestigio mystico, actos de governo e de disciplina administrativa».

«Permittil-o seria delegar tacitamente em estrangeiros o exercicio da soberania, violando o principio basico da Constituição, que veda a existencia de qualquer autoridade territorial não submissa á lei e ás regras de investidura dos cargos officiaes.

«Penso, pois, que não é destituída de perigos a entrega dos sertões a missões discrecionarias..... (F. A. Araripe Junior — «Parêceres do consultor geral da Republica», tomo 1, pags. 47 a 51) (*)

Segunda conclusão, portanto: — Si, na ordem moral, a catechese religiosa é um crime, na ordem legal não encontra fundamento, nem justificativa.

E é esse «policimento», essa «fiscalização», de que trata o parecer acima — é isto, e só isto, que em relação ás missões, e por bem conhecel-as, não cessam de pedir os verdadeiros patriotas, ainda que o façam em vão. (18)

Podem os doutores que não sabem ler, podem os que são indifferentes ao nome e aos destinos da nossa Patria e do seu povo, chamar a esse esforço e a esse clamor «briga de seitas», «rivalidade», «parcialidade», ou o que bem lhes pareça a elles; ninguém pôde, entretanto, negar sinceridade e desin-

(*) Os griphos são desta transcripção.

(18) Sempre e infatigavelmente pleitearam os padres o dominio absoluto dos nossos Indios. Por isso mesmo nunca se conformam com o systema leigo das directorias a que moveram, como outr'ora ao regimem do Marquez de Pombal, todas as especies de guerra. Como hoje fazem em relação ao serviço republicano de protecção, nos proprios relatorios dos governos provinciaes insinuavam manhosamente a intriga falando os padres pela bocca dos presidentes. Nem todos, porém, se deixaram levar por esse perfido processo de derribar.

Angelo Thomaz do Amaral, Fausto Augusto de Aguiar, Tenreiro Aranha, Manoel Gomes Correia de Miranda, Ferreira Penna e outros resistiram e, posto não dissessem toda a verdade provavelmente jungida

teresse pessoal a um tal esforço, visto que os reclamantes nada pedem para si, fundamento e razão a um tal clamor, pois nada se diz que se não prove com diversos e bons documentos.

E' a falta de fiscalização e policiamento que permite aos salesianos gastar discrecionariamente os

ás conveniencias officiaes, puzeram, todavia, embargos á apologia da catechese catholica.

Tenreiro Aranha chegou a dizer, que a mais notavel causa do diminuto proveito das directorias era — a indução á desobediencia pelas acres censuras que têm feito ao decreto e regulamento n. 426 de 24 de Julho de 1845, (o das directorias) *os que querem ser por exclusivo a si o commercio illicito e de fraude, o trabalho e o predomínio dos desvalidos indios.* (Relatorio apresentado á Assembléa legislativa do Amazonas — 1852. O gripho é nossó).

Gustavo Adolpho Ramos Ferreira, outro presidente do Amazonas, escreveu no seu relatorio de 1866 — Sem missionarios qualquer idéa a respeito da catechese deve ser desprezada por improfua — tal é a phrase que acho em quasi todos os relatorios dos administradores desta provincia. (Pudera, si era escripta pelos proprios interessados como ainda hoje fazem! Nota de A. B.)

«Está bem longe do meu animo o negar a utilidade de ser a catechese dos indios entregue a missionarios, somente no meu humilde entender a esta phrase tantas vezes repetida devia ligar-se á palavra *missionarios* as seguintes: *bons e verdadeiramente dedicados.*»

Nesse mesmo anno de 1866 o Ministro da Agricultura «approvando em geral as reformas» e o plano assás mediocre de catechese de D. Antonio de Macedo Costa, bispo do Pará, mandou suprimir as directorias parciaes de indios afim de ser o respectivo serviço unica e especialmente dirigido por Missionarios»

E — resa o decreto — «determina que nos aldeamentos tenham elles (os Missionarios) exclusiva direcção de tudo quanto se referir ao seu desenvolvimento intellectual, material, *sendo independentes da intervenção das autoridades civis e ecclesiastica,* (!) «as quaes, entretanto, são obrigadas a lhes prestar toda a sorte de auxilios por elles reclamados.» (!) não podendo distrahir-os em outro diferente mister, posto que espiritual.» (Annexo n. V ao relatorio do presidente do Amazonas, 1886. Os griphos são nossos).

O que se passou depois desse dominio exclusivo e privilegiado avalia-se pelo que vai transcripto neste opusculo.

Um dos itens do plano precarissimo de D. Antonio de Macedo Costa dizia assim:

8º «O Bispo visitará todos os annos, si possivel fôr, as missões e transmittirá annualmente ao governo um relatorio circunstanciado do estado dellas, *Para isso é conveniente que as missões se estabeleçam primeiro entre Indios que estanciam em paragens mais proximas aos centros civilizados.*» (E' nossó o gripho).

Esses indios que «estanciam em paragens mais proximas dos centros civilizados» são as pobres victimas de outras catecheses e de seringueiros, são os pobres escravos que recebem com humildade todas as extorsões e maltratos. São os Muras, os Guaranyes, os Borôros, Não são indios bravos, não são indios do mato, não são indios selvagens. Os Jauaperys estacionavam perto de Manãos e nunca os padres quizeram catechisal-os.

E por ahi se conhecem os corajosos e apostolicos intuitos das missões.

dinheiros publicos que recebem, carregar de vexames e extorsões os brasileiros moradores nos seus feudos e, enfim, escravisar, explorar, atormentar e calumniar a tribu dos Borôros.

O livro do padre Colbacchini não existiria, nem mesmo para distribuição premeditada na Europa, si tão grande não fôra a impunidade de que gozam os estrangeiros para nos fazerem mal no nosso proprio paiz, si tão protegida e defendida não fosse a negra casta dos catechisadores por aquelles mesmos que conhecem de sobra as suas mazellas, mas que entendem dever occultal-as ou negal-as por um falso principio de solidariedade religiosa, que é antes um verdadeiro proposito de conivencia no crime.

Esperemos, pois, resignadamente, o dia em que os proprios algozes se compadeçam de suas victimas e, contentando-se apenas de viver regaladamente á custa do suor dellas, abram mão da faculdade que têm de maltratal-as e diffamal-as injustamente. (19)

Esses algozes são homens...

E a piedade é um sentimento da natureza humana.

Mas com que tristeza e saudade evocamos hoje o typo veneravel dos sacerdotes catholicos do passado, consolação dos afflictos, escada de Jacob entre um mundo cheio de ambições, de disputas e desgraças e a aquelle outro mundo que elles criaram feito de abnegação, de concordia e bemaventurança!

(19) «E' uma verdade incontestavel que o indio é naturalmente bom» (Silva Coutinho, *Informação* — 1861).

Terceira e ultima conclusão

Antes te houvessem roto na batalha
Que servires a um povo de mortalha!

Castro Alves

Quando um homem de coração pensa no martyrio dos nossos indios; quando lembra que os seus algozes não são brasileiros mas europeus, quando reflete que em vão se tem appellido para os Governos afim de que libertem de tal opprobrio os filhos da Patria que tão deploravelmente representam; quando vê que todos esses clamores se perdem, todos os esforços falham desde que visem cohibir a acção funesta desses desalmados estrangeiros, um invencivel sentimento de revolta o domina e logo lhe acode á mente a apostrophe tremenda de Castro Alves:

«Antes te houvessem roto na batalha
Que servires a um povo de mortalha!»

Onde está a protecção que essa bandeira egreja, symbolo da esperanza e da fraternidade, tão

solicitamente promette assim aos selvagens como aos cidadãos, tanto ás florestas longinquas como ás cidades policiadas?

Porque havemos de ver eternamente sem um movimento de repulsa, ou ao menos de mera piedade, aventureiros, de outras nações escravisar e difamar á vontade nossas pobres, nossas ingenuas, nossas desvalidas tribus?

O gosto pela imitação chegou entre nós a um tal ponto de exaggero que nos tem acarretado, e com alguma razão, epithetos pejorativos que todos conhecemos.

Em vez de aperfeiçoarmos as nossas tendencias avoengas conservando o fundo de originalidade que lhes é proprio, adoptamos do estrangeiro costumes e preceitos que repugnam á nossa indole e não raro nos rebaixam, apesar do rotulo de civilização que trazem.

Tinhamos as portas hospitaleiramente abertas ao mundo inteiro, e fechamol-as aos mutilados e cegos como si entre esses não nos pudesse vir algum Aristoteles ou algum Dante e como si um Aristoteles ou um Dante não valesse por si só incomparavelmente mais do que gerações e gerações que se perdem anonymamente, congressos, tribunaes, governadores e ministros incapazes, ou chefes de Estado que se apagam em vida sem mais deixar de si do que a breve e triste memoria do mal que passageiramente fizeram frequentemente na cega intenção de fazer o bem!

Tinhamos (e temos) a garantia constitucional da liberdade de pensamento, da integridade do nosso corpo e perfilhamos o despotismo policial que prohibe os comicios civicos e a tyrannia medica que invade os larès para injectar nos desprotegidos o pús cabalístico da vaccina jeneriana, enquanto nas melhores mercearias e confeitarias do Rio de Janeiro

permanecem expostos ás moscas, sem a minima intervenção da auctoridade sanitaria, alimentos que nem sequer podem ser lavados, pois estão promptos para serem ingeridos com toda a evidente immundicie que o Departamento de Saúde não vê.

Finalmente, e para não levar muito longe esse mote, estavamos habituados a respeitar e sustentar a mulher e, ao passo que começamos a desacatal-a com palavras e attitudes grosseiras que nos eram até ha pouco desconhecidas, começamos tambem a achar natural que ella desça á rua para ganhar o seu sustento, isto é, admittimos que troque o altar domestico que lhe deram nossos avós pela fabrica, pela carteira, pelo fôro, pela clinica, em summa pela concurrencia ao homem, concurrencia que tanto mais a degrada quanto mais alta é aparentemente a carreira anti-feminina a que a fôrça o homem.

Todos esses males fomos buscar ao estrangeiro, aos «paizes mais adiantados», segundo a fórmula que empregamos com presumptuosa ignorancia e revoltante ingratição á nossa Patria.

O que deve caracterisar o adiantamento de um povo é certamente o seu estado mental, a situação intellectual e moral em que se encontra, não o desenvolvimento industrial que porventura tenha.

Sendo assim, em que parte do mundo iremos deparar mulheres tão puras e desveladas como as nossas e homens tão comedidos nas suas ambições e tão moderados nos seus desmandos?

Quaes os progressos scientificos que não conheçam os brazileiros que estudam!

Em que sociedade penetraram jamais tão largamente os ensinamentos da sã philosophia dos Thales, Aristoteles, S. Thomaz de Aquino, Kant, Leibnitz, Descartes, Augusto Comte e tantos outros grandes entre os maiores pensadores?

Alguns povos allegarão o invento de machinas e utensilios que não fabricamos; alguns apresentarão organizações, regras e serviços mais proveitosos, nenhum nos póde dar novas lições da verdadeira sciencia, que de facto não descobrimos tambem, mas que assimilamos tão profundamente como os que melhor o tenham feito.

Em que, pois, consiste a superioridade dos taes *paizes mais adiantados* que procuramos imitar muitas vezes com sacrificio das nossas tradições liberaes, dos nossos honestos costumes, da nossa incomparavel modestia, da nossa pureza, da nossa doçura, da nossa poetica ingenuidade?

Consistirá na prepotencia dos fortes? No servilismo dos fracos? Na degradação da mulher? Na oppressão do proletario? Em resumo, consistirá nas innumeradas fórmulas de servidão dos humildes e deshumanização dos poderosos?

Todo o brasileiro consciente do valor da sua nação e sabedor da sua historia, tem motivo para consideral-a não a maior do mundo — estulticia que só lembra a quem ignora os feitos da Humanidade — mas a melhor do mundo — titulo mais que sufficiente para nos encher de grato encanto pela nossa terra e nobre desvanecimento pela nossa Patria.

Mas si grande e irremediavel é o gosto pela cópia das chamadas nações mais adiantadas, por que razão não escolhemos de preferencia as suas boas praticas, aquellas que nos conviriam ou que nos elevariam?

Por exemplo: — Em que ponto da Europa ou da America do Norte colligam-se estrangeiros para impedir que os nacionaes explorem tal ou qual ramo de commercio como succede no Rio de Janeiro e no Pará?

Em qual delles manda mais o estrangeiro do

que os seus naturaes como acontece em certos logares de Santa Catharina e S. Paulo?

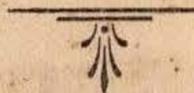
Em que recanto da Europa ou dos Estados Unidos congregam-se companhias de estrangeiros para sujeitar uma parte e opprimir outra parte da população, como fazem os padres catechisadores em Minas Geraes, em Mato Grosso, em Goyaz, no Maranhão e na Amazonia?

No Brazil entretanto essas congregações de malfeitores existem e são pagas pelos cofres publicos!

Logo, terceira conclusão: — Arremedamos as civilizações alheias no que não presta e não as acompanhemos naquillo que nos seria aproveitavel.

E — triste fecho desta longa série de artigos —: Quando no futuro algum professor de historia perguntar aos seus alumnos quantos paizes no seculo XX pagaram a estrangeiros a escravisação e diffamação dos seus proprios filhos, os estudantes responderão sem esforço de memoria:

— Um só, o Brazil!



O producto da venda deste opusculo será empregado na compra de ferramenta de mato para os índios amazonenses do rio Jauapery.